

O Mundo de Carne, Capítulo 1

Sangue. Não há nada profundo neste mundo que, para ser conquistado, não requisite sangue. Para conquistar, o homem precisa se opor àquele da própria espécie: é o que acontece quando se torna o topo da cadeia alimentar — preda a si mesmo.

Poderá sempre descobrir a superficialidade de um homem se seu sonho envolver a competição com outro, a benefício da própria pele e carne. É a primeira lei da natureza e o primeiro mandamento dos assassinos: o mundo não é herdado, e sim conquistado.

Em uma sufocante sala de escritório, um elevador dá margem para revelar meia dúzia de homens engravatados, gordos e calvos. Eles saem do compartimento e caminham em direção a uma porta de aço no fim de um grande corredor branco e vazio, com paredes transparentes de vidro.

Ao lado da robusta porta, há um pequeno dispositivo no formato de um dedo polegar, no qual os homens posicionam seus dedos, fazendo com que a porta se abra por alguns instantes para que cada um passe, um por vez.

Igualmente fez uma figura diferente do restante: um ser andrógino, com cabelos curtos cor de noite ao fim do pescoço, vestindo um terno preto e óculos redondos que cobrem mais da metade de seu rosto. O ser guarda o livro em sua mão e insiste para que os outros cavalheiros passem primeiro que si próprio, dizendo: “Oh, eu insisto, senhores. O que seria de mim sem vocês?”

Todos eles riem sem tempero e entram. A figura fecha a cara assim que não pode mais ser vista.

Não mais acompanhada, o que a figura poderia usar para desbloquear a digital, senão um dedo humano fresco e pingando sangue? Removeu-o de um compartimento no livro que carregava e entrou.

Todos entraram na sala que dá vista à metrópole de São Paulo e a seus prédios sufocantes, banhados pelo céu cinzento e sombrio — principalmente com as nove horas de uma noite chuvosa se aproximando.

A mesa redonda conforta todos os engravatados com cadeiras de luxo, incluindo um que já estava lá antes de todos entrarem: um homem gigante como um hipopótamo. Não tinha um fio de cabelo na cabeça, mas mil rugas em sua cara deformada por procedimentos estéticos.

Ele vira sua cadeira, com um cigarro entre os lábios secos e um copo de uísque na mão, e diz:

-Senhores, que prazer tê-los aqui — sendo respondido de maneira igualmente genérica e falsa pelos restantes. — Devo dizer que nossas operações têm sido muito bem-sucedidas, visto que escapamos dos fardados e aumentamos em quinze por cento o faturamento sobre cannabis nos últimos anos...

E prosseguiu referindo-se aos números dos negócios por entediantes quatorze minutos. Até que a figura, sentada à mesa, começa a posicionar a mão direita nas próprias nádegas e saca, discretamente, algum pequeno objeto esférico de dentro. A conversa segue tediosamente até que a figura, tocando seus óculos enormes, parece acenar com a cabeça mediante algo que parece ter ouvido. E, ao fazê-lo, olha para o homem que estava falando e o interrompe.

-Senhor Gordon, posso ter um pouco do cigarro do senhor? — Diz o ser.

Todos parecem estupefatos com a pergunta e com a interrupção, e o homem apenas responde com a cabeça e o entrega com um sorriso no rosto.

-Vejam só, se mantivermos a postura caridosa com os nossos, manteremos bons negócios para sempre, não é? — ele diz, quebrando o gelo e causando risadas não acompanhadas pela figura que pegou o cigarro e o fumou lentamente depois de limpar a ponta com muita cautela.

-O senhor é caridoso, senhor Gordon? — perguntou a figura, ainda com o cigarro na boca.

-Ora, claro que sou. Quem aqui não é? Devemos devolver aos pobres para ir para o céu, não é mesmo? — ele disse, acompanhado novamente por risadas da mesa.

-Quando foi a última vez que reuniu a família?

A mesa fica em silêncio, estarecida.

-Bom... os negócios estão difíceis. Precisamos resolver muito até que... bem, você sabe, não é? — disse, sem graça.

-Visita seus filhos com frequência? Janta com sua esposa? Visita seus pais? — O ser pergunta, sem o cigarro na boca. O som de fogo incendiando um curto pavio é abafado estrategicamente.

-Bom, ultimamente o trabalho está bastante corrido... não tenho muito tempo para vê-los. Mas que relação isso tem com... calma, o que é isto? Guardas! Guardas! — Gordon dizia, enquanto todos os outros políticos sentados na mesa se levantavam em desespero.

Um gás esverdeado começa a emergir por debaixo da mesa. Tosse, mãos sobre a boca, olhos arregalados. Eles se desesperam em direção à porta, que teima e não abre de forma alguma.

Gordon se revolta com a teimosia da sua rota de escape e parte em direção à figura aos gritos. Vendo que a criatura estava rindo discretamente, deduziu:

-Foi esta coisa!!! Matem-na!

Tosse, falta de ar — e também o soco na cara que recebeu da figura em questão. Os outros políticos avançam com socos e pontapés. Todos são esquivados, com exceção de um, que fazia seu caminho para atingir a boca da figura — sem sucesso.

Conforme a figura abria os lábios, sua saliva criava uma adaga que saía de dentro da boca e perfurava a mão do homem que tentara a investida. Horrorizado, o homem recua ao ver o processo.

-O que foi isso?! É o diabo! O diabo veio nos buscar!

A figura cospe a adaga rumo aos olhos de Gordon. Ele cai sem norte no chão.

A cabeça de Gordon jorra sangue quando atingida por uma espada, a criatura aproveitava covardemente a chance. Seu corpo produzia seu equipamento através de saliva e outras secreções, como se ele próprio fosse uma arma — um mecanismo profano e sobrenatural para matar.

Parte para debaixo da mesa e arremessa o objeto debaixo dela em direção aos homens. Uma bomba de gás minúscula era a origem do verde que tomava a sala. A figura tossia, lágrimas nos olhos, mas não fraqueja.

Os homens aproveitam. Partem para cima do ser, que estava encurralado atrás da janela de vidro, com vista apenas para a morte e a noite.

A figura desconhecida olha para trás com um semblante congelado.

-Se lhes derem outra vida, usem-na para o que lhes falei.

E pulava da janela.

Escuridão. Um muquifo isolado em meio a uma mata extensa e à chuva sufocante no meio da noite. A porta se abre ao comando da figura, que parece entrar em um ambiente fechado: uma discoteca tomada pela chuva, mofo, ratos e bolor.

A criatura deixa no chão um gato preto molhado pela chuva, que corre em direção a um rebanho de outros igualmente resgatados. A incógnita tira a jaqueta sobretudo e a coloca sobre uma mesa que, apesar das condições do lugar, tem ótima preservação.

-Wilson? — diz o ser. — Já está dormindo?

A figura ouve o brilho que escapa por debaixo de uma das portas do recinto: brilho colorido e alternante entre cores vívidas de azul, vermelho e prata. Desconfia.

Abrindo a porta: luzes. Um senhor de cabelos cor de neve, rugas moderadas anunciando a chegada da velhice, roupas sociais elegantes e escuras. Recebia um senhor gordo, suado, com um copo de vinho nas mãos, acompanhado de dois seguranças que carregavam uma grande maleta.

-Salem, você chegou para prestigiar nossas visitas — o homem atrás do balcão falava, servindo vinho para os outros “cavalheiros”.

-Ah, sim. Como eu pude esquecer. —Salem.

-Salem... não é? A coisinha de ouro do Ricardo! É um prazer conhecer. Serviços muito bons você tem, jovem. Com o partido de Gordon fora do caminho, certamente ganharemos esta eleição. Além disso, você é um pitelzinho!

O homem repugnante dizia, olhando para Salem de cima a baixo, salivando. Wilson, atrás do balcão, que parecia perceber com imensa calma e tempo o que aconteceu, instantaneamente se abaixa após ouvir isso.

A cabeça do grande homem gordo explode contra a parede e o teto. Seguido de seus dois seguranças, cujos miolos sujam todo o ambiente com o som da arma que Salem tirou de sua própria saliva. Tentaram, mas não tiveram competição contra a velocidade de Salem.

-Dessa vez foi rápido, senhor Salem. Nem quis dizer nada para eles? — o homem se levantava atrás do balcão.

-As delongas são desnecessárias, Wilson. Benção. — Salem dizia, apertando a mão de Wilson.

Partindo depois para pegar a maleta dos seguranças e o dinheiro que nela estava. Sem se impressionar, o guarda.

-O colchão veio a calhar. Eu te falei que iria. — Salem diz.

-Okay, dessa vez você tinha razão. Mas o resto ainda é inútil. — Wilson diz.

-Inútil ou não, não importa. Com bruxaria eu carrego tudo aqui, ou aqui, ou aqui. — Ele diz, apontando para a boca, para uma das próprias veias e para outros lugares indecentes. — Nada de câmeras por lá, não é? — Salem completa, questionando.

-Não depois que entrei. Fique tranquilo, Salem. Eles não vão te achar. — Wilson diz.

-O quê o senhor falou? — Salem olha com preocupação, enquanto um rastro de carne e sangue ameaçava escalar-lhe a perna.

-Hm? — Wilson questiona retoricamente, apenas para que Salem perceba.

-Ah, sim. De novo. — Salem diz, jogando um comprimido goela abaixo.

Algumas horas se passam. A chuva cessou, mas não na cabeça de Salem. Os ânimos se acalmam, e Salem já estava tentando dormir quando ouve seu telefone estrondar por todo o lugar e o puxar de volta para a realidade. Jamais vai dormir.

Salem atende.

-Pois não?

-Espero não ter interrompido seu sono, Salem — diz Wilson.

-São três da manhã, Wilson. Por que eu estaria dormindo?

-Preciso que venha ver algo.

-Não vou gostar disso. — Salem diz.

-Não mesmo... desculpe. — Ele desliga.

Salem caminha em seus pijamas largos e incaracterísticos em direção à sala em que se encontra Wilson, em frente a uma mesa lotada de computadores, cabos, café e armas de fogo.

-Eles apareceram, Salem. — Wilson diz, instantaneamente provocando a mão de Salem a tentar pegar um comprimido. — Não. Dessa vez é sério.

-Merda.

O Mundo de Carne, Capítulo 2

Nada pode fazer um humano sofrer mais do que outro humano. O homem raso deve trair para obter prosperidade. Só assim pode satisfazer a única bolha que quer preencher: a da lascívia e da acumulação. É o segundo mandamento do assassino: traia.

Minas Gerais, 2012.

Ajudando o açougueiro, Salem tinha olheiras profundas no rosto. Seus cortes no bife, sobre o balcão branco e ensanguentado, eram fracos e fadigados. Eram quatro da manhã.

—Deixe tudo pronto pra quando a loja abrir! —disse um homem cujo corpo cedia à idade precocemente. Tinha dentes de ouro, correntes e anéis de prata, e roupas em tons extravagantes de roxo. Estava sentado numa cadeira de balanço, fumando charuto e apenas dando ordens.

Salem tremia de raiva, rangia os dentes, mas obedecia.

As horas passavam. Salem era jogado de função em função conforme era “necessário” no açougue, mesmo com muitas pessoas — incluindo o homem sentado na cadeira de balanço e seu sobrinho — estando desocupadas.

Salem o chamava de **Josael**. Um homem que não tinha mais do que quarenta anos, mas colecionava rugas, manchas na roupa e chapéus.

Às dezoito horas, Salem saía do açougue sem energia alguma, pois teve que trabalhar duas horas adicionais graças ao pedido de Josael:

—Cubra meu sobrinho enquanto ele descansa um pouco, okay?

E, como todo dia cinco, levava seus duzentos reais para casa.

Casa essa onde, ao chegar, dava de cara com seu gato branco, **Rubens**, que miava e se esfregava em suas pernas com seu pelo quentinho e macio.

O cheiro da comida invadia suas narinas. Salem se aproximava da dona Marilene.

—Boa noite, dona mãe! O que tem pra jantar? —Salem questionava, forçando animação.

Arroz e feijão puro, de novo.

Salem abraçava sua mãe.

—As coisas vão mudar, meu bem. Eu sei que vão. —Marilene fala, esperançosa.

—Eu não sei, mãe... —Salem dizia.

—Ele vai mudar, coração. Vai quitar tudo e vai ficar mais tempo aqui...

—Por que ele não faz isso agora?

—Não é tão simples, meu bem...

—Claro que é. É só parar de usar! Pronto! Ninguém obrigou ele a usar pela primeira vez.

Marilene se cala, acaricia a cabeça de Salem e avisa que o jantar estava quase pronto. Comem tudo em um silêncio ensurdecedor.

—Tente dormir um pouco, Salem. Você merece... Desculpe... —Marilene.

—Como sempre, nada pra se desculpar, mãe. —Salem.

Indo ao quarto, Salem encontra, no meio do mofo, da sujeira que Marilene ainda não teve oportunidade de limpar e das goteiras, um garoto de pele branca e roupas velhas deitado na cama. Não estava dormindo, mas queria mostrar que estava.

—Então, como foi a prova? Tirou dez? —Salem pergunta, com uma animação forçada na voz.

—Não. Foi horrível. —O garoto dizia, escondendo a cara no travesseiro e na escuridão.

Salem liga a luz.

—Junior, você não é disso, cara. O que aconteceu? —ele pergunta, sentando do lado dele na cama. —Não conseguiu estudar?

—Claro que não... —ele diz, quase chorando.

—E por que não? —Salem.

—Uns amigos do papai pediram pra eu lavar os carros deles pra pagar... Fiquei o dia todo lá.

Salem serra o punho. Seus dentes rangem de ódio.

—Você vai se sair melhor na próxima, parceiro. Aqui, vem aqui comigo.

Salem segue junto a Junior até o fundo do quintal da casa. Sobe em cima do muro e fica apoiado lá após ajudar Junior a subir também. Eles, como corriqueiramente, olham por segundos os carros, o som alto, as pessoas barulhentas que bebem álcool.

—Consegue ver ali? —Salem diz, apontando para uma construção escurecida na distância. —Lá fica o açougue. Toda vez que Josael me faz trabalhar a mais sem me oferecer nada, eu me faço um favor em troca.

Salem diz, sacando duas notas de cinquenta reais, arregalando os olhos de Junior, pasmo.

—Se você não fizer isso com a vida, ela nunca vai te respeitar, mano.

—Mas... roubar não é errado? —Junior diz, preocupado.

—Colocar funcionário pra trabalhar de graça também, mano. Da próxima vez que te obrigarem a lavar o carro de alguém, tome proveito. Não seja otário. —Salem diz.

—Isso não é muito arriscado? Não sei não... Se te pegarem vai ser pior, não? Aqueles caras são muito fortes pra gente tentar algo... —Junior diz.

—É só não ser pego. Ser malandro de verdade é dançar que nem a música, meu mano. —Salem diz, apontando para um bêbado que estava dançando e caindo no chão.

Salem e Junior dão risada. Os olhos de Junior se arregalam quando Salem entrega a ele uma das notas de cinquenta.

—Aqui, pra você. Mas a próxima é por sua conta!

Junior pega a nota relutantemente, olhando para Salem, hesitante.

—Ninguém vai ter pena de você, ninguém vai te compensar, meu mano. Vamos, é melhor a gente ir dormir. —Salem diz, passando a mão no cabelo do irmão.

Júnior foi pro quarto. Salem viu sua mãe dormindo no sofá da sala e colocou nela um cobertor. “Vou protegê-la de tudo, minha coroa”, como já lhe disse muitas vezes — umas na imaginação e outras não. Ela não poderia dormir na cama de casal, não mais.

Salem veste roupas menos miseráveis, toma um bom banho, se entope de perfume e sorri pro espelho. Se dirige até a praça da cidade, que estava cheia de bêbados.

Lá, uma bela moça de cabelos cor de ouro e um vestido vermelho esperava.

—Eai, meu bem! Por onde andava? —ela dizia, enquanto seus lábios se tocavam brevemente.

—Procurando o que encontrei hoje.

Uma sorveteria os aguardava.

Agora eram só eles dois.

Lá, a mente de Salem voa, esquece a raiva de seu chefe e de seu pai e aproveita uma boa refeição paga com o dinheiro roubado do seu chefe carrasco. Salem fez Vanessa rir incontáveis vezes — um bom charme galanteador. O lugar só tinha olhos para o casal da área.

A conversa fluía com tranquilidade. Não precisavam nem se esforçar para que os assuntos chegassem à mesa. Vanessa elogiava seu cabelo, Salem fazia o mesmo de volta.

E, no beco escuro que faziam de morada após o sorvete, ficaram pelo resto da noite.

Às dez horas da noite, Vanessa parecia preocupada, o que Salem questionava.

—Você sabe como meu pai é, meu bem... —Vanessa diz, com receio na voz. —Ele não vai gostar se te ver comigo...

—Eu acho que a gente merece um pouco de tempo sem mais ninguém, não?

—Salem retrucava. —Não é só porque o Josael pode me comprar se quiser que eu tenho que obedecer ele...

Ambos riram muito.

—Boboca. Meu irmãozinho adora esse teu jeito, você faz ele rir muito fácil!

—Vanessa diz.

—O moleque é gente boa. Algum dia ele vai saber o que eu sou pra você. —Salem.

—Eu acho que você tem razão. —Vanessa diz, encostando a cabeça no ombro de Salem naquele beco escuro, enquanto os ratos e baratas seguram vela, e uma criança olhava estupefata do outro lado da rua.

A noite era apenas uma criança, mas não só para os dois.

Em uma biqueira socada em meio a uma encruzilhada escura, úmida e embolorada, a chuva dava as caras perto da meia-noite. Um homem estava de joelhos, em súplica.

—Só mais um pouco! Eu juro que posso conseguir! É sério! —o homem gritava.

—Já não acha que lhe demos chances demais, Ricardo? —um outro homem, na escuridão, balançava uma nove milímetros em sua mão enquanto ameaçava.

—Não! Não! É sério!

Ricardo, ajoelhado, colocava as mãos para frente para se proteger. O homem na escuridão colocava o cano gelado da arma grudado na testa de Ricardo e preparava o gatilho.

—Você sabe que prezo muito pelo que é meu, senhor Ricardo. Já dei a sua cria um emprego para ajudar a pagar, deixo até seu caçula ajudar. Estou sendo generoso demais com você, não acha? Será que devo destinar algum serviço para sua esposa também? —o homem dizia.

—O que eles puderem fazer para ajudar, por favor! São só papéis! —Ricardo dizia, desesperado e com a voz trêmula.

—Papéis?! —ele perguntava enquanto Ricardo caía no chão pela coronhada.

—Você me deve cento e noventa e seis mil reais, seu retardado! —ele dizia, enquanto pisava nas partes íntimas de Ricardo com a sola do sapato.

Gritos de agonia.

—Experimente ficar me devendo por mais um mês, Ricardo.

Ricardo tenta falar, mas é interrompido.

—Dê. Um. Jeito.

Josael deixava Ricardo ir embora em lágrimas de dor e desespero, enquanto tentava se acalmar com um charuto e jogava um pacote de pó no peito dele.

—Cento e noventa e seis mil e cinquenta e dois agora.

O brilho se revelava no bolso de Josael enquanto Ricardo fugia em prantos. Ele sacava de dentro do seu celular — o típico celular primitivo, mas que, para a época, era o melhor.

“Paaai, a Vanessa tá namorando com a pessoa de óculos!!!”.

Ele sorriu.

O sol raiou novamente. Salem e Júnior foram para a escola e estavam voltando para casa nas ruas movimentadas, graças aos pais que buscavam seus filhos na escola ao invés de deixá-los ir sozinhos.

Júnior estava com um sorrisinho sacana no rosto. Salem, também sorrindo, questiona:

—O que foi? —Salem falou, contendo o riso.

—Tá namorandoooo! —Junior disse, rindo muito.

Salem sente um calafrio até o último centímetro da espinha.

—Quem te contou isso? —Salem questiona, com as mãos no ombro de Júnior.

—Um passarinhoooo. Quem mais? —Junior.

—Você e esses seus passarinhos... Você me seguiu ontem, não é? Seu sacaninha.
—Salem fala.

Júnior continua rindo, mas confuso, já que tinha dormido a noite toda. Ele prefere dançar conforme a música.

—Esse é o nosso segredo agora, okay? Ninguém pode saber... Não sei como todo mundo veria... isso. —Salem diz, preocupado, mas Júnior afirma confiança.

—Você quer casar com ela? —Júnior diz, incapaz de conter o riso.

—É, talvez eu queira sim. E daí? Não posso mais ter esperança? —Salem diz em tom de brincadeira.

Júnior deu risada e, no meio da rua, viu uma banca vendendo alguns bilhetes de loteria.

—Salem, olha, olha!

Salem repara e logo diz:

—Você sabe que essas coisas são golpe, não é?

—Mas não custava nada tentar, né?

Salem pensa e chega a uma conclusão.

—Vou te mostrar um exemplo do que eu disse ontem. É assim que se lida com golpistas!

Salem saca uma nota falsa de um real, vai até a banca e compra um bilhete de loteria em nome de Marilene. **556781** é o número.

—Aeee! —Júnior diz, pegando o bilhete.

Salem passa a mão no seu cabelo. Eles conversam e Salem explica como as loterias são o que o governo usa para lucrar com apostas sem ter que legalizá-las. Júnior ouve Salem com admiração nos olhos e faz perguntas só para ouvir Salem responder.

Eles chegam em casa para o almoço. Marilene estava cozinhando: triste e cabisbaixa. Salem chega até ela, a coloca para sentar no sofá e termina o almoço.

“Todos” comem. Nem tentam mais esperar pelo último lugar restante na mesa.

—O Ricardo não vem? —Salem questiona.

—É seu pai, Salem. —Marilene diz.

—Tenho minhas dúvidas. —Salem retruca.

—Não na hora do almoço, filho. Você sabe como ele está se esforçando para melhorar por nós. —Nem ela acredita.

—Na verdade eu não sei, não. Eu trabalho mais do que ele, o que não é muito difícil.

Júnior mostrava seu olhar triste. Marilene e Salem se olhavam e decidiam cessar a conversa e prosseguir o almoço. Isso já era corriqueiro: buscar refúgio no silêncio.

Como na vez em que Marilene tentou largar o fardo vivo em sua vida e foi agraciada com três homens da biqueira ameaçando-a:

—O embuste nunca pagaria a dívida sozinho. Fique com ele.

Salem sabia: cada silêncio doía mais nela do que neles. Pois ela era quem mais tinha a dizer.

Não era assim quando se conheceram. Suas vidas já foram confortáveis: bom emprego para os dois, boa casa, Salem e Júnior eram pequenos e a vida sorria cada dia mais.

—Não ande com o Rogério, ele não é de bem! —ela dizia, como se aconselhasse uma criança ingênua que não sabe os perigos das ruas.

Viciou-se.

Ladeira abaixo. Dívida atrás de dívida, e a qualidade da rotina caía para pagar o impagável.

Marilene não deveria estar tão abatida pelo tempo. Sua idade não corresponde às rugas e aos cabelos brancos de estresse toda vez que tinha que resgatar Ricardo bêbado e vomitando na rua — como se tivesse ganhado mais um filho.

Ela nem sabia mais dizer se ele era um homem bom antes de tudo isso. Talvez fosse podre desde o início. Nem queria mais saber.

Paciência era tudo que ainda podia ter.

Salem dizia:

—Larga! Se alguém vier te ameaçar eu bato neles com isso!

Dizia, brandindo a espadinha de madeira que, com muito sacrifício, Marilene comprou.

Apesar de tudo, Salem ainda ia para a escola. E, por isso, em mais um dia, caminhou junto a Júnior e lá chegou.

—Festas de encerramento! Vamos, Salem! Por favor! —era tudo o que Júnior falava.

Tanto serviço, tanta dor de cabeça... Salem queria um tempo sozinho, em casa ou com Vanessa. Mas de que valia sua casa se não agradasse seus habitantes? Vamos então.

Como em todo encerramento, Salem via seus colegas colocando as máscaras para dizerem que sentiriam saudades uns dos outros, mesmo que apenas alguns meses fossem passar até que vissem de novo as mesmas caras por mais um ano.

Mas viu que Júnior se divertia com os colegas da idade dele e genuinamente chorava de tristeza por não os ver por alguns meses.

Reconfortante. Ainda há algumas coisas verdadeiras a serem prezadas e mantidas.

Salem percebia que para si próprio era bem diferente. Estava naquela fase onde todos os seus amigos estão mudando drasticamente suas personalidades, e de uma hora para outra, você pode perder um amigo de infância. Era comum que jovens da idade dele passassem a falar apenas das festas da cidade, das bebidas que beberam ou sobre qual moça queriam pegar. Não que Salem fosse um poço de inteligência e erudição, mas era estranho ver seus amigos se tornando cada vez mais superficiais. Parou para pensar e percebeu que, na maioria das vezes, estes sinais já estão bem presentes na infância dos colegas que conhecia e que notava estes sinais. Algumas pessoas só não nascem muito profundas, mas está tudo bem, hoje é dia de comemorar, não de julgar. Apesar de tudo, Salem ainda achava certo conforto em interações, quando não estava sem energia alguma por conta do trabalho.

As últimas aulas do dia acontecem pela manhã e, após muita preparação, palpites de sua mãe sobre as roupas que deixariam Salem “irresistível” e muito conter a animação de Júnior, as festas aconteciam à noite.

Como sendo a única escola da pequena cidade, todos os comércios locais fechavam e davam espaço e audiência para essas festas. Ruas lotadas. Crianças e adolescentes caminhavam felizes e arrumadas com os pais, encontrando colegas de classe e dando aos pais a oportunidade de falarem com os próprios antigos colegas.

Até mesmo para Salem foi semelhante. Parecia que, em uma situação de festança comum e geral, todas as diferenças eram momentaneamente esquecidas, e todos estavam no mesmo nível.

Salem encontrou colegas, sentiu a nostalgia de amizades que mudaram com o tempo e finalmente tirou sua mãe de casa. A fez encontrar algumas velhas amigas.

—Vamos jantar na sexta, amiga? Toda a gangue antiga? —ela disse orgulhosa, se referindo ao que uma antiga amiga sua sugeriu.

Salem sorriu, com satisfação por sua mãe seguir em frente, mesmo que inconscientemente.

—Eu tô te falando! O Mr. Facas matou o Mr. Grana! —Júnior dizia, referindo-se ao jogo que jogava com Salem quando Salem ainda tinha esse tempo.

—Ah, fala sério, mano! Todo mundo sabe que ele morre na próxima continuação. Não tem chance contra o Mr. Grana. —Salem respondia, provocando o irmão para que ele falasse de novo todos os detalhes do porquê essa afirmação era um absurdo.

Depois de todas as explicações, concluiu:

—Então, quando a continuação sair, eu te aviso e te mostro que ele sai vivo!

—Certo. Prometa então.

E prometeu.

Olharam ao céu vários fogos de artifício. As pessoas dançavam e cantavam músicas de artistas da cidade, contratados para agraciar o dia.

Salem conseguia ver, à distância, o motivo de seu coração acelerar. Vanessa estava sendo paquerada por alguns insistentes canalhas que não sabem ouvir um não. Um loirinho puxando-a pelo braço com ajuda do colega ao lado.

Josael estava próximo, mas não parecia dar bola.

—Ei, palhaços.

Os dois olham, mas não parecem reconhecer pela arrumação incomum.

Mas Salem mostra de canto um canivete que a eles despertava memórias.

—Desculpa aí, Salem. É sério, foi mal! —eles saíram com o rabo entre as pernas.

Sem chamar a atenção de Josael, Salem puxava Vanessa, que continha o riso, e para mais longe foram.

—O que você está fazendo? Você não tem jeito... —disse ela, sendo carregada pelo braço (agora consentido) por Salem.

—Não posso ter só uma dança? —Salem disse. Sempre soube o charme certinho que Vanessa sempre adorou.

Replicavam, ao próprio modo, o que outros casais faziam na dança coletiva. Seu sapato pisa no sapato dela.

—Assim você vai me matar, meu bem! —Vanessa dizia, se referindo comicamente à pisada, mas também às borboletas no estômago — por Salem, pelo dia e pela rara alegria.

Eram só eles dois.

Dançaram, e dançaram até a festa acabar. Era seguro, já que poucos reconheciam Salem em tamanha arrumação, e o mesmo servia para Vanessa.

Não tinham que se preocupar com Josael. Não tinham que se preocupar com as outras pessoas. Não tinham que se preocupar com nada além da dança, das bebidas e da comida.

Seu feriado era infinito, pois amanhã nem sequer havia serviço. A noite, manhã e tarde eram todas delas. E assim aproveitaram.

Salem levou todos em casa quando a poeira baixou e as pessoas se cansaram e foram dormir, todos com a sensação de dever cumprido do ano todo. Júnior exausto e ainda chorão, e até Marilene limpando algumas lágrimas por ter quebrado a tão dura rotina por uma noite.

Sentou-se à frente de sua janela do quarto e, por um momento, não se sentiu só um. Sentiu-se vários e olhou para a lua, que não iluminava nuvem alguma, sem margem para chuva.

Se somos todos só um, não há por que se preocupar.

Dois dias depois.

Como toda boa sexta, Salem podia entrar mais tarde no trabalho. Já que Josael sempre se atrasava graças a seus “negócios de fora”, os quais resolvia sempre pontualmente na sexta. Por isso, as coisas ficaram mais agradáveis até mesmo por aqui.

O trabalho era mais leve, mais curto e trazia sempre o lembrete de que seria ausente amanhã e pelo domingo. Estava assistindo à televisão do açougue.

Quando chegou, chegou de bom humor. Cumprimentou Salem, todos os funcionários, deu um presente de fim de aulas para Salem e os mais novos. E ainda colocou a cereja no topo do bolo:

—Você pode ir embora mais cedo hoje, Salem.

—Aconteceu alguma coisa, senhor? —Salem questiona.

—Claro que não. Meu sobrinho vai te devolver as horas de ontem hoje. Que tal?

—Josael diz.

Salem dúvida, mas não tem a tolice de negar.

—Muito obrigado, senhor... —Salem levanta, lava as mãos e aperta as de Josael, que o encara firmemente enquanto o faz.

—Você não ficou sabendo? As boas novas são grandes. —Josael disse. Um sorriso forçado surgia timidamente, como se tentasse ser segurado.

—Sabendo de quê? Não entendi, senhor. —Salem.

—Seu pai conseguiu me pagar a dívida.

—Como assim? Os Cento e noventa e seis mil? —Salem.

—Cento e noventa e seis mil e cinquenta e dois. E sim, ele conseguiu pagar, cada centavo. —Josael.

—Mas como? Ele não tinha um real no bolso. Ele vendeu o carro? —Salem dizia, em completa confusão.

Em completa surpresa e euforia, começou a suar e tentar segurar o riso de alegria.

—Pode-se dizer que sim. Além disso, ele me fez um favor de muita boa-fé. Pagou metade e eu decidi perdoar o restante. Ótimo, não acha? —Josael disse.

—Senhor, eu... nem tenho como agradecer. Obrigado, obrigado! —Salem perdia até a razão de tão alegre.

Salem deixou os cinquenta reais que tinha na mão de Josael, que tentou recusar a cordialidade.

E saiu correndo do trabalho em direção à sua casa.

—Jovem! Jovem! Aqui! —o homem da loja de bilhetes gritava.

Salem olha para ele e apenas ignora.

—É sério, jovem! Venha aqui! Por favor!

Salem, com raiva no olhar, chega perto do lojista.

556781.

A porta da casa é arrombada por Salem, que gritava em completo êxtase e euforia.

—MÃE, NÓS GANHAMOS NA LOTERIA!

Salem gritava, esperneava, se sacudia de emoção e arrancava os próprios cabelos. Jogou todo seu dinheiro no chão e pisou em cima. Rasgou até mesmo sua carteira e seu crachá do açougue.

Mas a casa estava vazia.

Nenhum móvel era visível na casa. A geladeira, mesa, sofá, vaso sanitário — tudo havia sumido.

Salem não se importa e parte em direção ao quarto de sua mãe.

—MÃE, A LOTERIA! A GENTE GANHOU!

E abria a porta com força. Choque de realidade.

As gotas de chuva banham sua casa enquanto ele vê sua mãe dentro do próprio quarto, nua. Cinco homens armados ao redor dela, abusando-a — todos ao mesmo tempo, de todas as formas e possibilidades.

Júnior: amarrado porcamente com uma corda na parede, imobilizado. Era o próximo, como afirmava um dos porcos.

Imóvel. Sem se mexer. Salem não forma palavra alguma.

Os homens avistam.

Salem parte pra cima — um grito de completo ódio, raiva, confusão e loucura escala de sua boca enquanto ele avança com os punhos.

—CORRA, SALEM! —Marilene grita, juntando forças para tal durante o processo profano e maquiavélico que cometiam com ela.

Três dos cinco homens param o absurdo que faziam e interceptam Salem com um soco na cara. Nariz quebrado. Sangue no chão. Bateu a cabeça.

—Vamos nos dividir, pessoal! É hoje! —os homens balbuciavam e gargalhavam enquanto partiam para cima de Salem e cometiam o absurdo.

Roupas rasgadas. Seu irmão e sua mãe gritam em desespero. Salem treme de raiva. A dor corrompe e penetra. Tenta revidar, golpear os homens e se desvencilhar deles.

Fracasso.

É segurado por três adultos nos braços e nas pernas. Eles riam e faziam piada da situação, satirizando Salem em tempo real. Por mais de dez minutos isso persistiu.

A chuva misturava o som da risada a si mesma — e essa chuva jamais pararia.

Marilene implora para deixarem Salem em paz.

—MEUS FILHOS NÃO, POR FAVOR!

Salem era usado como um objeto depravado e profano. Seus olhos tremiam de raiva ao ver Ricardo no fundo da janela, se escondendo como um rato, com pilhas de dinheiro nas mãos e gargalhando.

—RICARDO!!! —Salem gritava, puxando todo o ódio e rancor que tinha armazenado em silêncio por tantos anos, como se pensasse que, ao despejar ódio o suficiente, todos os homens morreriam.

Ledo engano.

Ricardo some da janela após olhar para Salem com medo nos olhos.

Júnior se desprende da corda mal amarrada e hesita ao partir para cima de Salem ao ver os homens mudando o foco para ele.

—JÚNIOR! IRMÃO! —Salem gritava em vão.

Júnior corre. A mãe dele gritava — hora por socorro, hora para deixarem-nos em paz, hora para Salem e Júnior fugirem.

Júnior obedece. Pula da janela, usando seu corpo magro para se esgueirar por entre os homens.

Desistiram dele.

O processo abominável continuava. A mãe de Salem gritava e gemia de dor, ódio e desespero. Em vão.

No fim do processo, sua cabeça explode por um tiro de nove milímetros. Seu sangue se misturava com coisas ainda piores no rosto de Salem.

Salem olha em choque. O som da chuva e das pancadas em seu corpo viraram um ruído agudo e constante.

Enlouquece finalmente.

Seu corpo sangra. Seus olhos desistem de bancar o herói. A loucura estava só começando.

A cabeça de um dos homens explode ao ser atingida por algo.

Os outros se dispersam e tentam descobrir a origem. Em vão. Mais um cai morto.

Os homens se desesperam e começam a correr e se esconder, largando Salem.

Salem corre até a cozinha, saca uma faca amolada e corre de volta ao quarto, bambeando e lutando para ficar de pé.

Salem cai no chão de novo depois de sua perna estourar com um tiro.

Dor. Agonia. Sangue inundando as paredes do seu lar.

Instinto de sobrevivência: Salem rasteja para fora da casa em meio aos gritos, lágrimas e ao sangue. Ouve mais tiros e mais homens caindo no chão.

Toda a vizinhança estava do lado de fora de suas casas, olhando curiosamente. Polícia na porta e ambulâncias por toda parte.

Salem pula o muro em que há pouco havia se sentado com Júnior.

E, ao cair no chão, sua perna baleada cede ao peso e à ferida — e se quebra, expondo o fêmur de Salem.

Perda de consciência. Força decadente. Gritos de dor e de agonia.

Os policiais vêem Salem com a faca e apontam armas antes de Salem desmaiar. Eles começam a invadir a casa, e outro grupo se aproxima de Salem com armas nas mãos para rendê-lo e algemá-lo.

Salem não consegue formular uma frase sequer.

Vê porcos ao invés de policiais.

Ergue a faca e começa a se rastejar para trás, aos gritos e lágrimas.

—SAIAM DE PERTO DE MIM! SAIAM DE PERTO! —Gritava.

Perda de consciência.

“Apenas faça o que quiser comigo, vida desgraçada”, sua mente sussurrava antes de desistir.

Alucinando e vendo o bilhete de loteria em suas mãos, ele o largava.

—Deixem que eu cuido dele.

Enquanto todos os policiais estavam entrando na casa, um estava saindo. Tinha cabelos de prata, corpo jovem. Estava ensanguentado e sua arma estava descarregada.

Ricardo fugiu da casa pulando o muro que a cercava e correu por uma série de minutos, dando risos de desespero.

Ele chega na encruzilhada. Ajoelha-se de novo em frente à escuridão.

—Estamos quites? Me diga, Josael! Me diga! Estamos quites?! —ele gritava, ofegante.

Josael saiu da porta escura ao fim do beco.

—Como não estaríamos? Geladeira, micro-ondas, mesas, cadeiras, seus filhos, sua esposa... Que prova maior de fé eu precisava? —Josael diz, se aproximando de Ricardo.

—Você não tem mais nada. Mais nada para ter por que sair dessa vida. Este é você a partir de hoje.

Fez um excelente trabalho. Sacrificou tanto pelo nosso empreendimento. Merece recompensa.

—Vanessa, vamos.

Josael apontava para Ricardo caído no chão.

Estado patético. Suando, chorando e ofegante.

—Cuide do nosso novo associado —Josael dizia.

Ricardo ria de satisfação e alegria genuína.

O Mundo de Carne, Capítulo 3

E resta ao traído apenas desistir ou se tornar o traidor. Porque o mal não tem maior vigarice do que tornar o outro em si.

Terceiro mandamento do assassino: não será como tua presa.

Dois dias depois.

Sala de hospital. A lua toma o céu escuro, e a chuva acompanha o luto pela brutal morte da senhora Marilene, o desaparecimento de Júnior e o grave estado de Salem.

Chuva cai na mente de Salem, mas não no céu. Ainda ouve cada segundo da cena.

Acorda do desmaio duradouro. O médico celebra seu despertar após tanto tempo. Está numa maca, perna engessada, acesso na veia.

Salem olha para cima sem se importar com qualquer coisa que o médico lhe diga ou pergunte. Ouve apenas a chuva.

Lágrimas silenciosas no seu rosto.

O médico sai da sala para chamar mais pessoal. A calma torna-se fúria. O remorso torna-se ódio.

Salem não tem tempo para isso. Apanha o pedestal que sustenta o acesso em sua veia e pula a janela em completa fúria.

Capengando com sua perna imobilizada, ele dispara para fora do hospital aos gritos de loucura e frenesi. Normalmente impossível, algo de outro mundo motivava e possibilitava sua corrida sem propósito.

—ONDE ELES ESTÃO?! ONDE ELES ESTÃO?!

O povo da rua olhava. Salem não estava em sua cidade natal. Não conhecia ninguém daquela aparente outra cidade.

Apenas mais um louco.

As pessoas do hospital começaram a correr em sua direção.

Ele então faz o impensável. Renuncia a seu sexo e gênero.

Sua corrida para em um beco sem saída, tendo despistado a todos. Colapsou pela dor, cansaço e falta de ar.

Tira a agulha do acesso de seu braço, arranca suas vestes e esfaqueia todas as suas partes íntimas em completa fúria e loucura.

O sangue jorra para fora de seu corpo enquanto Salem grita de dor e despedaça o que foi profanado em seu corpo.

Estava sangrando no chão. Aceitaria morrer de hemorragia nesse exato momento.

Olhava para cima, tentando enxergar um Deus que lhe desse a mão. Olhava para baixo e tentava encontrar qualquer um que tivesse feito isso queimando. Não encontrou nenhum dos dois.

Achava que já estava no pós-vida. Achava que tinha morrido. Queria estar.

Sua dor, seu sofrimento, seu abdicar — todos chegaram no ponto sanguifestado onde uma maldição sangrenta o atinge.

Uma marca cor de sangue queimava e ardia acima de sua virilha, expondo e expulsando mais e mais sangue.

Sua visão distorceu, como se visse nos olhos o demônio encarando-o e marcando seu ser.

Porém, olhando para ele, estava apenas o policial mais próximo.

O homem dos cabelos grisalhos.

Foi neste ponto em que os mares de sangue deram à luz uma onda de nome Salem. Foi aí que o sangue profano não descoberto pelo homem tocou o de Salem.

Sua marca, com seu sofrer, brilhou eternamente. E não pararia jamais — apenas oscilaria.

—Olá, jovem —Wilson dizia, antes de reparar no símbolo no corpo de Salem. —... Tornou-se como eu. Bem-vindo.

—Me mata... —a boca de Salem lutava para murmurar.

Wilson olhava para Salem com sua arma nas mãos e aponta, engatilhando.

NÃO! Algo gritou na sua mente. Pense de novo.

—Venha comigo.

Wilson diz isso enquanto pega Salem e o coloca no fundo de sua viatura contra sua vontade.

Era inútil tentar se debater e lutar. Salem nem tentava.

Apenas permitia que, com ele, a vida fizesse o que bem entendesse.

Após dificilmente tratar todas as feridas e flagelações de Salem — que recuperou-se parcialmente apenas após três meses —, Wilson abrigou a figura problemática de Salem em sua casa.

Wilson passou por muitos problemas para estabilizar a mente de Salem. Levou a médicos, psiquiatras e psicólogos para ajudar com tudo o que havia acontecido.

E deixou seu distintivo quando falhou em conseguir justiça por meio da lei.

Sugeriu incontáveis investigações e empreitadas contra o grupo criminoso que gerou o incidente do outro dia. Mas todos os oficiais mandaram-no:

“Deixar isso para uma época melhor.” Sempre que isso chegava ao assunto de abordar algum membro importante do narcotráfico, como Josael.

Salem passou muitos meses em completa neurose.

Perguntava se iam aparecer de novo, se aquilo ia acontecer de novo.

Tinha dificuldade para diferenciar realidade de fantasia. Como na vez em que confundiu Wilson e o atacou com uma faca. Ou na vez em que se escondeu quando Wilson foi trabalhar e ficou sem companhia.

Muitas vezes só conseguia dormir se fosse em um quarto trancado a meia dúzia de cadeados e sem janela nenhuma, com luzes iluminando cada centímetro. Também não conseguia dormir quando tinha chuva.

—Eles não podem passar por isso, não é? —dizia.

Salem às vezes tentava fugir de Wilson, mordê-lo como um animal, dizer que o odiava e mandar que ele o libertasse.

Mas sempre que Wilson abria a porta como teste, Salem nunca saía.

Certa vez, em uma de suas fugas, Salem correu atrás de um homem que passeava com seu gato na rua e tentava apanhar o gato para si.

—Isso! Isso! —dizia chorando.

O dono do gato ficou furioso ao ponto de querer espancar Salem.

Mas Wilson chegou a tempo e comprou o gato à vista por **oitocentos reais**.

Aquele era **Rubens**, seu gato preto, o qual se agarrava na hora de dormir.

Foi só graças a esse gesto que Salem começou a aceitar tomar os remédios que Wilson tanto insistia.

E sua psicose se tornou mais tolerável cerca de **quatro anos** após o incidente.

Quatro anos estes em que Wilson tolerava pacientemente Salem sem controle morando em sua casa.

Também custou muito sacrifício fazer Salem entender o que havia acontecido dois dias depois do incidente, quando flagelou-se e adquiriu o desenho que de vez em quando arde em sua pele.

Wilson explicou:

—Não vai mostrar isso para ninguém. Nunca. Entendido?

—É uma Maldição. Veio do teu sofrimento. E, por isso, é ligada ao teu sangue e carne.

Veja, Salem... existem coisas maiores do que nós. Coisas que nem todo homem conhece. Elas se ligam à nossa carne.

Descobri isso de uma forma parecida com você. E também descobri da pior forma:

Não deixe que ninguém descubra isso em você, o mundo não quer saber.

Essas coisas vão muito além do que lhe foi acometido — ou até a mim.

Não se sabe o destino daqueles que são agraciados com essas coisas, como nós fomos.

Também não sabemos o que acontece com aqueles que exageram da generosidade dessa força.

Consegue entender?

—Sim...

Era tudo que Salem sabia conversar. Como um zumbi.

—Já te disse, não conseguirá arrancar isso. É uma marca. Ficaré com você para sempre —ele disse, apontando para a pele de Salem, vermelha e inflamada pelos arranhões.

—Não custava tentar... —Salem.

—Você acha que consegue terminar isso até o fim deste ano? —Wilson disse, mudando de assunto e apontando para os papéis do supletivo.

—Acho que sim... mas... —Salem.

—Mas o quê? Me diga. —Wilson.

—Vai tudo voltar ao normal quando eu terminar isso? —Salem treme de pavor e ouve a chuva na sua mente.

—Se acalme. Você não precisa voltar a viver hoje, nem amanhã e nem daqui a um ano. Pode voltar quando conseguir —Wilson acalma.

—Por quê? —questiona Salem, confuso.

—Por quê o quê? —Wilson.

—Por que você faz tudo isso? Eu nunca te dei nada, nem vou conseguir, —Salem.

—Não quero nada seu. E se superestima se acha que consegue gastar toda a minha fortuna. Só achei que era a coisa certa a se fazer. Já lutei em guerras parecidas com as que você lutou naquele dia, senhor Salem —Wilson.

—Se eu ficar apenas comendo seu tempo e paciência pelo resto da vida, era melhor que eu tivesse morrido naquele dia —Salem diz, morbidamente.

—Não fale uma coisa dessas. A vida vai durar muito mais do que você imagina, ela sempre dura.

“Nem me fale”, foi a resposta de Salem.

—Você vai conseguir viver de novo, Salem. Você nunca vai se esquecer do que fizeram com você, mas eu acredito que algum dia você viverá de novo. Mas só depois que **nós** conseguirmos justiça. Apenas depois disso.

“Justiça.”

Salem quer dar a cara a tapa e arriscar a justiça? Ou quer ficar longe de todos? Vai mesmo arriscar que aquele dia se repita?

Suas mãos tremiam, e ouvia a chuva no menor resquício de voltar a viver ou de buscar retaliação.

—Não estou te pedindo para arrumar outro emprego e outra namorada ou namorado. Estou sugerindo...

Wilson saca uma pistola e a estende para Salem.

—Cobrar a dívida que a vida tem contigo.

Salem pegava a arma com as mãos trêmulas. Suor. Chuva na sua mente.

Lembranças do som do tiro que a levou embora. Lembranças dos atos e risadas dos bárbaros.

Era assim que via os homens: **animais**.

—Você tem certeza? —Salem.

—Podemos tentar. Eu descobri uma rede de contatos que vão nos dar alguns serviços muito bons. Não é pelo dinheiro.

—Eu acho que você tem direito de buscar vingança, Salem.

—É a única vida que eu posso ter, não é? —ele dizia, largando o caderno do supletivo e colocando as mãos na arma.

Nunca mais se deitaria na cama como um cidadão normal. Nem como uma vítima.

Dançaria conforme a música. Se tornaria o que a vida quer que se torne.

E, como naquele dia em que aceitou a arma pela primeira vez, ouvia Wilson sentado em sua frente na mesma posição **treze anos depois**.

Uma gravação sonora ressoava do celular de Wilson, que estava conectado a uma de suas muitas máquinas e computadores, que por sua vez estavam dentro da discoteca abandonada e banhada pela chuva.

—“Obrigado pelo depoimento, senhor.”

Foi a última palavra do áudio.

Em negação, Salem ouve o áudio imóvel, olhando fixamente para o nada.

—Eu reconheço. Sei que sim —Salem quase sussurra.

—Não tenho certeza. A voz deve ter mudado muito e... —Wilson diz, mas é interrompido por Salem.

—Eu tenho certeza, Wilson. É ele —ponderou, apertando os próprios punhos diante do medo de encarar uma realidade da qual, por treze anos, fugiu. —O que vamos fazer, Wilson?

Salem dizia incontáveis coisas uma atrás da outra, como se sua mente estivesse banhada por possibilidades sobre o que fazer — ou sobre o que já poderia ter acontecido. As coisas não pareciam ser o que eram. Duvidou.

—Vamos fazer o que estamos nos preparando há **treze anos** para fazer —Wilson.

Sem delongas.

Nos próximos dias, eles foram até a capital de Minas Gerais. Compraram passagens, prepararam equipamento, bolaram planos e discutiram as possibilidades do assunto.

Salem nunca esteve tão sério. Nunca quis tanto algo — e nunca temeu tanto fazer esse mesmo algo.

Se aquela era sua única vida possível, por que tinha tanto medo disso?

Já no aeroporto, eles dialogam.

—Os arquivos da polícia para os quais Júnior supostamente depôs pertencem a um antigo amigo meu do ofício. Ele me passou mais algumas coisas.

Eles se estabeleceram na capital de Minas Gerais. São donos de quase todo o comércio narcótico do estado —Wilson diz.

—E a polícia? —Salem pergunta, retoricamente.

—Não pode fazer nada. Eles têm muitos subordinados dentro dos quartéis. Nenhuma investigação vai para a frente —Wilson disse, com ressentimento na voz.

—Foi por isso que saiu, não é?

—Sim. São inúteis. Assim que a situação mexe em seus bolsos, param toda investigação. Maioria dos policiais são só peões.

—É por isso que não podemos recorrer à justiça honesta. Ela é inútil, Salem. Não há por que confiar justiça a quem é pago pelo seu agressor —Wilson falou.

—Então não podemos confiar em ninguém.

—Perfeitamente.

Então decolaram.

O Mundo de Carne, Capítulo 4.

Porque no homem de carne dói mais a perda do patrimônio do que a perda da mãe.

Quarto mandamento do assassino: dinheiro é tudo.

Wilson subornou incontáveis funcionários que já conhecia do aeroporto para que suas bagagens lotadas de armas de fogo, armas brancas e explosivos passassem sem nenhum problema.

Chegaram em **Belo Horizonte**, capital mineira.

Se alojaram em um hotel da metrópole e por lá estavam em uma noite tortuosa. Salem estava em apoio no sofá luxuoso em frente à lareira, que era a única fonte de iluminação da sala.

Encarava fixamente um único ponto na sala. As vozes tortuosas gritavam na sua mente, que em resposta formava imagens psicodélicas: caveiras, sorrisos, risadas e o som de chuva.

Salem toma um comprimido, engole seco e acaricia seu gato Rubens, que estava ao seu lado. As vozes reduzem-se, mas nunca cessam.

—Estamos prontos? —Wilson disse, aproximando-se.

—Sempre estivemos —completa Salem, colocando sua cartela de comprimidos no bolso, pedindo benção a Wilson e partindo com uma pequena mala marrom em mãos.

Música barulhenta. Luzes psicodélicas. Ambiente fechado. Fumaça de cigarro e maconha.

Uma multidão se aglomerou em um clube particular em Belo Horizonte, onde muitos fingiam se divertir e mergulhavam na superficialidade do álcool, tabaco e lascívia.

Salem entrava pela porta da frente após esperar por uma colossal fila de espera, contendo seu nojo.

A cada homem que o chamava para “ficar” e a cada mulher atirando os quadris em sua direção, Salem se arrependia mais da ideia.

Se esgueirou tentando não ser pisoteado pelas multidões dançando e não derrubar as mesas daqueles que cheiram pó para sentirem-se vivos.

Colocou o dedo na própria orelha. Uma escuta.

—Ele vai estar rodeado de seguranças. É o senhor Urso, ou pelo menos como o chamam. Vai precisar de alguma artimanha se quiser se sentar com ele na mesa e descobrir a localização do cartel de Josael —Wilson falava, com a voz distorcida pelo aparelho.

—Pode deixar. —Salem dizia.

—Então, o que achou do lugar? —Wilson pergunta, apenas para se divertir com a resposta.

—Três caras já tomaram choque.

Salem diz, provocando risadas de Wilson.

Minutos depois, de dentro de um banheiro químico, saía Salem vestido como uma verdadeira meretriz: vestido carmesim extremamente justo, maquiagem e cabelo totalmente diferentes.

Seus óculos foram trocados por outros mais “chamativos”.

—Você vestiu mesmo aquela roupa? —Wilson falou através da escuta.

—É o jeito, né? Acho que eu cobraria uns quinhentos reais por programa, só pelo mistério. —Salem diz.

Wilson novamente ri. Salem acabou nutrindo de um humor certamente duvidoso ao longo da vida, apesar disso, Wilson sempre tentou apoiar ao invés de reprimir.

Salem caminhou muito pela festa para encontrar o senhor Urso.

Em dado momento, um perverso passou a mão em Salem. Apenas para ser eletrocutado até o desmaio pelo **switch** que Salem escondeu nas partes do corpo. Wilson parabeniza por ter trazido um item amaldiçoado, desta forma, jamais quebrará.

O desmaio do homem causa comoção daqueles ao redor dele. Salem se afasta despercebido, enquanto não consegue conter o sorriso de satisfação ao ver o homem convulsionar no chão.

Aproveitando a comoção, que dispersa o grande volume de pessoas, Salem consegue ver uma grande mesa redonda cheia de homens tatuados, com armas de fogo e cordões de ouro e prata.

Estavam todos sentados jogando pôquer.

—Posso jogar, rapazes? —Salem seduzia.

—Jogo pra homem, princesa —o senhor Urso disse “sedutoramente”.

Seus lábios se movendo revelavam seu dente de ouro, e suas roupas exaltavam suas tatuagens vulgares. Porte físico gordo, cabeça careca e pistola na cintura.

—Mas sou muito boa com as cartas. Se eu ganhar de vocês, posso ir pra sua casa?

—Salem disse, com nojo do que estava falando.

Cada segundo olhando para aqueles homens era torturante.

Salem via suas faces se distorcerem com constância, tornando-se as dos **Bárbaros** daquele dia. Mas mantinha o controle graças ao comprimido de mais cedo.

—Oferecida, é ela, né, ursão? —um dos homens falava, tragando um cigarro e colocando fichas na mesa.

—Só sou uma mulher que sabe o que faz e o que merece. Por isso não ofertei nada pra você. —Salem dizia, sentando-se na mesa, pegando suas cartas e fichas.

—Eu gosto é assim, quando acha que manda! —o repugnante senhor Urso dizia, fazendo um gesto para permitir Salem na mesa, já que os outros homens começavam uma tentativa de tirar Salem à força. Principalmente o homem que Salem provocou agora mesmo.

O jogo se inicia.

O primeiro homem aposta **duzentos reais** em fichas. Ousado.

Três deles desistem da aposta com medo do risco.

Salem aumenta a aposta para **novecentos reais**.

As apostas seguem, mesmo que mais cinco jogadores tenham abandonado a rodada após a aposta de Salem.

Salem não só aceita todas, como as aumenta sempre de **sete em sete fichas de cem reais**.

—Você gosta de setecentos, né, princesa? —o senhor Urso disse, com um tom provocante.

—É tudo sete, não é? —Salem responde de forma ainda mais provocante.

—Essa é das boas! Eu falei pra vocês! —o senhor Urso disse, provavelmente animado, já que Salem disse “tudo sete”, que é o número da sua gangue.

A essa altura, apenas Salem e o senhor Urso estavam na rodada. A aposta atual já estava em **cinco mil e setecentos reais**. Salem não fraquejava.

—Tem dinheiro, né? Só pode ser uma princesa mesmo —brega. Nunca conquistaria uma mulher que não o quisesse morto, como Salem.

—Ou tenho, ou estou blefando. Aumento a aposta para **seis mil e quatrocentos reais** —Salem.

—Eu acho que já chega, princesa. Por que não mostramos nossas cartas?

Salem concorda.

O senhor Urso mostra sua mão confiantemente.

—Full house! É uma pena, princesa. Posso pegar leve e te devolver se quiser.

—Royal straight flush.

Salem pega todas as fichas do senhor Urso. **+seis mil e quatrocentos reais**.

Todos na mesa estão embasbacados. Alguns checam para se certificarem de que Salem não roubou.

Próxima rodada.

Todos desistem das apostas quando elas ultrapassam os cinco mil. Salem aumenta sempre de sete em sete. Em **sete mil**, o senhor Urso insiste em mostrar as cartas.

—Quadra! Não tem por que ficar triste, princesa. Não foi dessa vez...

Ele é interrompido.

—Royal straight flush.

Salem diz, mostrando suas cartas. Combinavam perfeitamente com as da mesa para formar a mão mais forte do pôquer. **De novo. +Treze mil e quatrocentos reais**.

Todos olham com desconforto na mesa. A maioria dos jogadores já saiu, restando apenas Salem, o Urso e mais três.

Próxima rodada:

—Royal straight flush.

Salem pega todas as fichas. **+Quatorze mil e trezentos reais.**

—Essa vagabunda tá roubando! Ela acha que me engana! Tu tá querendo roubar o chefe do morro, piranha?!

Um dos homens na mesa gritou, sacando sua arma e apontando para a cara de Salem.

—Podem me revistar, se quiserem. Juro que não estou trapaceando —Salem se levanta e abre os braços.

O homem que disse aquilo se aproveita. Passa a mão em Salem por completo. Agarra cada curva de forma grosseira e displicente.

A chuva aumenta. Salem não consegue conter o nojo.

Antes disso continuar, o senhor Urso, ardendo de ciúmes, interrompe.

—Já chega, Ronaldo. Até eu tenho que saber aceitar a derrota de vez em quando.

E tirou Salem de perto do homem.

—Você vai me contar como fez isso lá em casa. Que tal?

—Parece... ótimo —Salem dizia, olhando fixamente para o homem, que estava sorrindo como uma hiena nojenta.

Então a mesa se dispersou.

O senhor Urso estava indo rumo a seu carro, e os outros homens foram dentro ao baile. Já perto do carro preto e amedrontador do senhor Urso, Salem vê o homem que apalpou seu corpo anteriormente.

Estava encostado na parede fumando um baseado.

E, quando viu, fez um gesto exaltando as curvas de Salem.

—Preciso avisar minhas amigas, mas já volto. Tudo bem pra você? —disse ao senhor Urso.

Ele concorda e diz para não demorar muito.

Salem parte rumo ao baile novamente e, ao passar ao lado do marginal, move o vestido e tira de dentro dos seios forjados um **baralho completo de pôquer**.

O homem segue Salem fora de si.

Encurrala Salem contra a parede de um beco isolado, segurando seu pescoço e seus braços.

—Você achou que ia me enganar, não é? Sua piranha. Eu vou fazer o que o Urso não é homem pra fazer.

Ele disse, desabotoando suas calças.

—Por mim, tudo bem. O quanto você quiser —Salem diz, virando-se de costas e pressionando seu corpo contra o homem.

E só para quando o aparelho em suas partes fez com que o homem convulsionasse, babasse e tremesse até que seu coração parasse e seus músculos o traíssem.

A carga do aparelho de choque acaba. Sem problema. O homem já estava caído no chão.

Salem chega perto do seu rosto segundos antes dele perder a consciência e usa seu salto alto para perfurar o pescoço e os dois olhos do homem.

Limpa seus pés e parte de volta para sua próxima vítima.

Chega até o senhor Urso, coloca o braço ao redor dele e caminham até o carro.

Chegam até um barraco que deveria ser decente, se fosse bem cuidado. Saem do carro e entram no lugar.

Tabaco. Garrafas e maços de cigarro no chão.

Parede mofada ou sem reboco.

Puro descuido — visto que haviam notas e mais notas de dinheiro nas mesas.

—Vou me banhar e te dou um trato —o senhor Urso disse, apalpando Salem.

Assim que vê o homem virar as costas, Salem fecha o semblante de ódio e nojo.

Apenas quando o homem sai, com a toalha na cintura, ele vê do que se tratava sua “companheira”.

Salem **quebra na cabeça do homem um taco de baseball**, que tira de trás da porta assim que ele sai do banheiro.

Desnorteadado, o homem cai no chão, com os sentidos confusos.

Salem pressiona seu pescoço com o taco e imobiliza seus dois braços com ambos os joelhos.

—Agora você vai falar o que eu quiser, seu lixo. Onde é o cartel de drogas do teu chefe? —dizia com firmeza, se segurando para não partir o pescoço do repugnante homem.

—Não vou te dizer nada! Sua mocreia!

O homem diz, antes de usar o peso do seu corpo imenso e gorduroso para expulsar Salem de cima dele com uma cotovelada.

Salem cai no chão, assim como seu taco.

O homem avança em sua direção e segura seus dois braços.

—Você vai dar pra mim sendo mulher ou não, só pra tu ver que não devia ter entrado no meu morro.

Ele balbuciou, enquanto se desvencilhava da toalha em sua cintura e se aproximava de Salem.

As veias de Salem se enchem de fogo e ódio.

Levanta sua perna e usa a ponta do salto alto.

Perfura perfeitamente a uretra do homem.

Gritos de dor. Sangue. Um membro totalmente arruinado.

Salem ria — mas não satisfeito.

Usa o salto alto para perfurar a barriga do homem com **três pontapés de extrema velocidade**.

O homem fervia de raiva, dor e lágrimas.

—Sua vagabunda! Como que eu vou transar agora?!

— Não vai — Salem dizia antes de jogar na parede os dois dedos decepados do homem, cortados pela faca que criou usando sua saliva restante.

O Senhor Urso rasga o restante de sua mão arruinada no vidro da janela após tentar, sem sucesso, atingir Salem com um soco. Aproveitando a chance, atira cacos de vidro na direção do rosto de Salem, obrigado a usar seu taco para defender os olhos. Usa a oportunidade para prender Salem contra a parede e acertar-lhe dois socos na cara. Cospe sangue.

O homem morde o trapézio direito de Salem, que, confuso, tenta se desvencilhar. Inútil: enquanto seus músculos se partem graças aos emergentes caninos afiadíssimos do homem, seu sangue é derramado na língua afiada dele, que lentamente se tornava uma aberração vermelha.

Seus olhos ficavam vermelhos como carne crua. Seus membros se regeneravam conforme sua perniciosa língua lambia os beiços cheios do sangue de Salem.

Salem, atordoado pela ferida, não consegue ativar sua maldição e, preso pelos agora regenerados dois braços do homem, não conseguia se esquivar da cabeçada que, com força sobrenatural, arromba a parede do barraco e derruba ambos no telhado de uma outra casa amontoada no barraco.

Salem tentava criar e cuspir uma faca com a língua. Boca seca.

O homem grunhia:

— Sua bruxaria é com saliva, né? Digno de uma puta! — ele dizia, enquanto pressionava a cabeça de Salem com um soco contra o chão.

Cospe sangue.

— Não só saliva, carniçal nojento. — Salem dizia, enquanto manifestava o sangue que cuspiu em uma lâmina japonesa que partia de sua língua e cortava a clavícula do homem-monstro, que recuava estancando o sangue com as mãos nefastas.

— Drogas, mulheres, agiotagem... agora até com bruxaria vocês mexem? O Josael tá atirando pra todo lado — Salem dizia, levantando-se e sacando a katana que tira da boca e do sangue.

— Josael sabe com o que um homem de verdade tem que se envolver pra se chamar de homem, piranha!

E se encontraram em uma barragem de violência.

A cada soco, Salem usava o sangue arrancado de si próprio para atirar uma faca no homem, que o lambia e usava como combustível para regenerar suas feridas. Era inútil. Mesmo que o ferisse gravemente, Salem não se recuperava dos traumatismos

causados pela aberração em que se tornou o Senhor Urso. Enquanto ele recuperava todo o prejuízo sempre que lambia sangue.

O homem consegue acertar Salem com um soco de duas mãos precisamente na moleira, fazendo-o derrubar a espada e o próprio corpo.

Visão turva. Perda de sangue e força. Não se movia direito.

Coloração vermelha toma conta do corpo do homem. Veias pulsantes e expostas, olhos negros. Demônio em pele de homem.

Atacava Salem enquanto o mesmo recobrava a consciência.

Salem podia esquivar, mas escolhe não.

“Tenho que matar de uma só vez”, pensa.

Ao ser atingido, o sangue que jorra da pele de Salem, rasgada no tronco pelas unhas afiadas do homem, se molda. O sangue transforma-se, curva-se e incorpora incontáveis lâminas que fincam no peito e abdômen do homem, derramando seu sangue pútrido, preto e fedido em Salem.

— Inútil. Só com facas não vai me matar nunca. Mas olhe pra você, está quase morto! — ele dizia, gargalhando e engasgando no sangue enquanto atacava brutalmente.

— É, verdade. Mas você fala demais para um homem com a boca suja — Salem disse.

Enquanto o homem, após alguns segundos de realização, se levantava em desespero tentando limpar o sangue.

Inútil. Com as mãos sujas com mais sangue é impossível.

— Espere! Me ouça!

Inútil.

Uma enorme serra elétrica surge da boca do homem e explode ao meio sua cabeça, fazendo um som estridente e espalhando miolos e dentes pelo telhado banhado de vermelho.

Salem se levantava, em vitória, mas envolto de tripas e hematomas.

Comoção do lado de fora.

“Vamos ter que fazer do jeito mais difícil”, pensou Salem.

Vasculhou a casa e achou o celular do homem, o qual desbloqueou com o uso do dedo decepado dele, que guardou prontamente.

— Que merda é essa aí em cima, Urso? — homens armados gritavam do lado de fora, fazendo seu caminho até a construção.

Se tornou uma missão de fuga.

Colocou o celular entre os seios falsos e a espada de anteriormente nas mãos.

O primeiro deles que entrou foi atingido com uma facada na garganta, criada pelo sangue de Salem, que banha seu próprio corpo.

Liberou caminho.

O segundo disparou contra Salem, mas errou pelo desespero de ver Salem atirando a cabeça nefasta do Senhor Urso na direção dele.

Salem degola o homem e se apropria de seu revólver.

Outros dois aparecem enquanto Salem descia as escadas.

Dois tiros certos na testa.

— Chamem o cartel! Tem um intruso! — um dos homens gritava, antes de ter sua garganta estourada por um tiro de Salem.

Toda a escadaria do prédio em que residia o Senhor Urso tornou-se um enorme açougue: carne morta, sangue e tripas por toda parte. Salem já estava aniquilando, com um rifle roubado, três dos últimos homens à sua vista quando paralisou-se ao ver quem apontava timidamente uma arma em sua direção.

Uma criança.

Apontava, em completo pavor, uma pistola em direção à cabeça de Salem.

— Não... se mexe... eu tô falando sério... — ele dizia, apavorado.

— Qual seu nome, garoto? — Salem diz, levantando as mãos para o céu e deixando o rifle cair.

— Aqui é Pedrinho, porra! — ele dizia, tentando, sem sucesso, colocar firmeza na situação. — Coloca a mão na parede!

O garoto se aproxima de Salem para prendê-lo contra a parede, e é aí que Salem percebe: nenhum dedo no gatilho, sem intenção de atirar.

Em um só golpe, rendeu Pedrinho, prendeu-o contra a parede e usou sua própria arma contra a cabeça dele.

— Se descuidou, moleque.

Salem já estava com o dedo no gatilho. Vai atirar.

Pedrinho viu que a figura que ele olhava não teria piedade de sua curta vida. Apesar do desespero de ver o cano da arma, ficou feliz em ver que estava apontada para sua cabeça. Teria um fim rápido e não sofreria mais do que já sofreu.

— Não atira! Não atira! Eu tenho um lugar pra voltar! Eu juro, por favor! — Pedrinho suplicava enquanto caía no choro catarrento.

Salem apontava a arma impiedosamente. Pusera o dedo no gatilho...

NÃO! Pense de novo.

Amarrou os dois pés e as duas mãos da criança e correu para a frente do prédio, sua rota de fuga.

Não tinha a menor ideia do que fazer com ela, mas viu que não podia ser o mesmo que fez com o restante dos homens.

Via carros se aproximando à distância.

Conseguiria se esgueirar sozinho, mas não com essa criança chorona. Se a deixasse, ela iria expor sua identidade, para onde foi e os rastros de sangue.

Mas também não via justo matá-la.

Decidiu subir de novo as escadas, lutando contra a dor das feridas e a perda de sangue.

Trancou-se junto ao garoto em uma casa abandonada, que invadiu pela janela do apartamento ao lado da porta de madeira.

Enfiou-se atrás do sofá, quase sem sentidos.

Visão turva. Corpo dormiente. Estava quase partindo.

— Garoto... — disse Salem. — Você me ajuda a sair, e eu não te mato.

Pedrinho, sem escolha, pareceu concordar e tentava conter o choro.

Salem começava a usar trapos de suas roupas e das de Pedrinho (após pedir permissão) para estancar o sangue de suas feridas e tentar não desfalecer ali mesmo.

Olhou para um canto na janela quebrada e empoeirada da casa e viu um telhado que dava acesso à liberdade.

“Vão tardar em procurar por aqui”, pensou.

— Você vai dizer que fui pelo outro lado, entendeu?

Pedrinho acenou que sim.

Salem levantou-se. Cambaleou até ele, tentando não deixar o celular do Senhor Urso e nem seu dedo decepado caírem dos seios falsos e ensanguentados.

Passou por ele e partiu antes de olhar nos olhos do garoto, como se buscasse uma confirmação de que ele falava a verdade.

O Mundo de Carne, Capítulo 5

Nenhum animal possui outro. Nenhum além do homem de carne. Vestidas como armaduras pelos bárbaros, para eles as mulheres são uma obrigação.

Quinto mandamento do assassino: não terá laços.

Porém, na noite chuvosa que encontrou ao estar em ar livre, encarou nos olhos o abismo da confusão cara a cara, sem piscar.

Olhava para baixo, nas ruas que se enchiam de carros conduzidos por traficantes armados que vasculhavam o prédio incansavelmente.

E viu saindo de um deles duas pessoas destacáveis.

Um era um homem alto, musculoso, maxilar definido, tatuagens no corpo e arma na cintura. Salem nunca se esqueceria do dia em que lhe venderam, e muito menos de como o olhar covarde havia se tornado um tão confiante nos olhos de Ricardo.

Pior ainda era quem saía do carro logo após.

Com um olhar confiante, o cabelo que um dia elogiou estava bem feito outra vez. Maquiagem pesada no rosto, vestido colado.

Achou que estava como refém.

Mas ela se levanta.

E Vanessa afetivamente segura o braço de Ricardo.

Sua cabeça girou como um carrossel de armas e sangue. A chuva banhou seu corpo ensanguentado e sua mente perturbada.

Estava em dilema entre atirar ou correr.

Jamais havia encarado tão diretamente a dura realidade de como Salem acabou — e de como seus abusadores acabaram.

Não podia conceber a ideia de se preparar treze anos por algo e fugir quando tinha a oportunidade.

Mas foi exatamente isso que fez.

Cambaleou com pressa e em silêncio telhados abaixo, enquanto na escuta Wilson gritava:

— Salem! Responda!

Não conseguia entender como aquilo havia acontecido, quando, e muito menos o porquê.

Questionava se havia feito algo de errado. Começou a procurar coisas que podia ter feito para ocasionar tudo aquilo. Culpava-se.

Foi mais fácil vagar ensanguentado pela madrugada abandonada da cidade.

Partiu em silêncio, com a mente movimentada e questionando a veracidade do que vira no momento.

Uma estranha massa de carne, vísceras e órgãos rastejava no chão como uma jibóia e perseguia seu tormento.

Ao notar, Salem apressava o passo.

— Não... não agora...

Tentava encontrar, em meio às feridas e ao sangue, algum comprimido para resgatá-lo.

Sem sucesso.

Fadado a tal, aceitou a loucura que o fazia de refém naquele momento.

Não podia nem acreditar e nem compreender o que houve, caso fosse verdade e não fruto de sua psicose. Muito menos como teria acontecido — e por quê.

Encontrou, em sua triste e sem destino trajetória, um bar povoado por vagabundos porcamemente armados.

Espantou-os com tiros, enquanto sua mente pintava-os como demônios vermelhos que, em zombaria, o atormentavam.

O rastro de carne o seguia e chorava de excitação ao vê-lo.

A comoção da corrida desenfreada deles logo deu espaço para um cômodo silêncio, no qual se emaranhou ao se acomodar no banco de madeira que estava solitário à frente do balcão, ao lado de muitos outros que caíram após a bagunça que se instaurou com os tiros.

O bar foi rapidamente povoado por figuras de plasma, ossos e sangue que emergiram do chão em direção a Salem.

Envolviam-se em seu busto e braços para atormentá-lo em zombaria e questionamento.

— Salem! Filho de Belial! Quanto tempo! — perguntou a carne ambulante.

Tinha um tom morto-vivo na voz, como se suas cordas vocais há muito fossem ausentes.

Sua voz era estralada e falhava constantemente, alternando entre tons extremamente agudos e graves, velocidades extremamente altas e baixas. Assim como seus movimentos, que tinham uma velocidade destoante e uma movimentação que aparentava algo invertebrado e de outro mundo.

— Sim! — disse Salem, com um tom falso de ânimo. — Dois dias em sequência. Que maldição.

Completo ironicamente, olhando com olhos e punhos cerrados para a carne ambulante.

— Se eu venho sempre que essa sua cabecinha não pensa, por que será que me vê tanto? — a criatura falava.

— E vejamos o que temos aqui... O pobre velho. Nunca vai ser recompensado pelos anos em que manteve tanta loucura dentro de casa.

Disse, manifestando a pele de Wilson em formato carmesim, rabiscado e afiado. Olhos negros e sangue tomando conta de tudo que tentava lembrar um humano.

— Quando teve a chance de honrá-lo, você recuou. Tremeu e virou as costas como um cão covarde.

Disse a carne ambulante.

— Ele vai entender. Wilson vai entender por que não atirei. Eu só preciso... pensar melhor — Salem disse, procurando excessivamente as palavras que sairiam da boca ensanguentada, como se tivesse medo da resposta.

Virou uma dose de alguma bebida duvidosa no balcão do bar.

— Acha que pode me suprimir com embriaguez ou remédios? Tanto já te pedi para experimentar, mas só quando te atormento é que dá uma chance? Treze anos de assassinato e nunca te vi “pensar melhor”. Quando seu dever era matar Pablos Escobares que judiaram de desconhecidos, você tinha bem mais paixão. Mas, quando você é o alvo da vingança, parece que eles nem merecem morrer tanto assim, não é? — pronunciou a criatura nefasta.

— Em todos os casos eu tinha certeza de que estava tirando o lixo fora. Nunca mato ninguém sem ter certeza. Se fizesse isso, não conseguiria mais viver. — Salem disse.

— Você não está vivo, Salem. É só uma armadura de doença e loucura. Duvido que esse fato mude quando matar uma meia dúzia de pessoas que te fizeram mal — A carne ambulante disse, fazendo com a unha afiada e preta um sinal de força na garganta de Salem.

Salem teimava que viveria e que, da próxima vez, mataria todos.

— Com certeza você perguntou a origem e o nome de todos os traficantes que matou hoje, não é? A desgraça que te fizeram já te fez fazer o triplo do que você sofreu. Acha que seu papai e sua meretriz de estimação são os únicos no mundo que têm família? Eles com certeza têm, já que estão muito mais felizes juntos do que com você.

Demorou mais um pouco após o silêncio súbito de Salem.

E, não satisfeito, quis continuar a bater no cachorro morto.

— Eu me pergunto quantas ovelhas você já deixou sem pastor.

A carne ambulante se envolveu no corpo de Salem como se roupa fosse, aproveitando-se.

— Desde que “nos conhecemos”, você só me contou mentiras. Assim como disse que salvaria sua mãe de tudo.

A carne ambulante completou, provocando o arregalar de olhos de Salem, que se debatia para se livrar do abraço mórbido da visão.

Foi a gota d'água.

Salem se via agora em um mar de sangue que crescia até inundar tudo. Todo o bar era invisível, e apenas a vermelhidão de seus pensamentos e demônios se dava a enxergar.

Começou a se degladiar consigo mesmo e, quebrando cadeiras, copos, vidros e garrafas, se emaranhou na desgraça de lutar contra a própria mente.

Balbuciava maldições ao mundo e ao homem enquanto destruía todo o bar e lutava contra a carne ambulante.

Dizia que cada humano que nasceu dela morreria devorado pelos próprios dentes.

E ela ordenava:

— Se não vai fazer nada do que quer neste mundo, se tua vida é só adiar o que te move, entregue-se logo para Deus, Salem. Acabe com isso!

Quem abrisse a porta do bar veria apenas um louco despedaçando o ambiente e gritando desacompanhado.

Atirou punhos contra os próprios dentes, arrancando meia dúzia. Partiu ao meio o próprio olho com uma garrafa e bebeu o uísque junto ao sangue.

Espalhou insanidade pelo bar em forma de sangue e pele.

Todos que viam o jornal local, filmado através dos helicópteros da polícia que sobrevoavam o morro, pensavam:

“Mais loucos.”

Todos, menos Wilson.

Ele falhava em contactar Salem. Já era tarde da noite e muito perigoso.

A polícia provavelmente só não o alcançou pelo domínio que as facções têm sobre o morro.

Wilson saiu do apartamento e abandonou seus computadores à procura de Salem.

Se demorasse muito, os traficantes logo iam achá-lo, ou a polícia chegaria aonde quer que estivesse.

Passou um pente velho nos seus cabelos grisalhos e olhou para sua antiga farda policial, mas preferiu pegar seu uniforme empoeirado e furado da guerra do Vietnã.

Saiu de casa às pressas, usando o celular para localizar a escuta que tinha em Salem.

Para chegar até Salem, teria que adentrar o morro onde acontecia o baile do Senhor Urso, que agora estava interditado por conta da morte do mesmo e pela tentativa contínua de entrada da polícia.

Dirigiu furando todos os sinais vermelhos e regras de trânsito. Não há por que acreditar nessas baboseiras caso se garanta na direção.

Parou o carro na zona acessível mais próxima e decidiu subir.

Seu sobretudo cobria o uniforme e não o diferenciava muito de um traficante qualquer que, pela aparência, tranquilamente adentra o morro.

Caminhava então pelas ruas escuras.

Wilson via a comoção das ruas. Pessoas escondiam-se e corriam em busca de refúgio com a notícia de uma pessoa insana invadindo um bar local.

Traficantes locais começavam a se dirigir até o local usando carros e motos barulhentas.

Wilson sabia que Salem podia ser instável caso ficasse sem remédios por muito tempo, mas não via um mundo onde Salem fizesse o que estava fazendo apenas por estar sem remédios.

Havia algo a mais nisso.

E ele imaginava com precisão o que poderia deixar Salem nesse estado.

Aliviava-se, pois ao menos tinha certeza de que Salem não morreria pelas mãos de nenhum dos homens armados que o perseguissem por um bom tempo.

Desde aquele dia, ele sabia que Salem tinha se tornado capaz.

Aconteceu sete anos atrás.

Salem estava começando seus treinos para começar a matar. Não só pelo dinheiro, que era sua única forma de se sustentar — visto que nenhum emprego aceitaria um aidético e insano — mas também como preparação.

Salem estava em um treino de tiro ao alvo, em meio a um campo aberto de grama verde e fresca, próximo a um rio e a uma floresta que traziam um ar puro, úmido e relaxante.

Apesar de um sol escaldante de meio-dia que queimava incansavelmente.

Trouxeram também algumas varas de pesca, pois Wilson sempre recompensava com pescaria após um treino bem feito, já que Salem adora pescar.

Uma espingarda amarronzada, segurada por Salem, cuspiu fumaça e chamas em direção a um alvo circular.

Salem errou feio, acertando a extremidade direita do alvo.

Não conseguia segurar a arma direito, pois estava doente e fraco. Sem contar o sol escaldante que queimava suas retinas e atrapalhava sua mira.

Nem seus coquetéis conseguiam salvá-lo de certas doenças oportunistas que entravam em seu corpo graças aos bárbaros do fatídico dia.

Cada erro era como uma agulhada no coração e um lembrete vívido da cena.

Soltou a arma e sentou-se de joelhos no chão.

— Que calor miserável — dizia Salem. — Impossível atirar desse jeito, Wilson.

Limpava o suor.

— Sim. É justamente por isso que escolhi este lugar. O clima e a doença vão levar você ao limite, mesmo para um simples tiro em alvo parado — ele dizia, sacando a espingarda e dando um tiro certo ao centro do alvo.

— Seus inimigos não vão ficar parados que nem aquilo. Então acho que ainda estamos pegando leve.

Wilson disse, sem poupar palavras.

— Mas meus inimigos também não vão contar com isso!

Salem transformava seu suor proveniente do calor no cano de uma pistola usando sua maldição e disparava certamente ao centro do alvo, facilitado por não ter que carregar o peso de uma arma real, não ter recuo e poder mirar com os dedos.

— Sim, não vão. Mas não pode fazer isso para sempre. Se abusar da sua maldição, pode acabar morto ou louco. Precisa se adaptar a armas reais também.

Wilson dizia, dando uma leve pausa para levantar Salem do chão.

— Vamos. Você consegue.

Ele dizia ao terminar de levantar Salem.

— Agora veja, Salem. Quero que escute com atenção. As maldições que recebemos vêm de forças que não entendemos. Elas recompensam o sofrimento com poder. Mas atente-se a algo novo que te direi.

— Usá-las exige um custo que não podemos prever sempre. Suas faculdades mentais podem não resistir a um uso contínuo, ou você pode ser cobrado e atormentado por entidades que não terão dó de você. Por isso, evite o fácil...

O que te digo não serve só para os tiros.

Tudo o que fizer e que quiser ser bom, precisará sofrer.

O sofrimento, voluntário ou não, pode criar pessoas horríveis — mas também pessoas maravilhosas e capazes.

Não leve a mal, mas precisará sofrer o triplo do que uma pessoa normal se quiser ser bom.

Até mesmo as entidades que dão o seu — e o meu — poder entendem a regra do sofredor.

Pois a capacidade não vem para você se for mais ágil, esperto, forte ou mal.

Mas sim se estiver disposto a sofrer.

—Ele completava, guardando as armas, alvos e balas numa grande maleta preta.

— Se for assim, tenho certeza de que “eles” estão tendo uma vida fácil até demais. Se não estão sofrendo, nenhuma entidade vai querer eles. Vamos ganhar fácil! — Salem pontuava.

Mas logo era contrariado.

— Seu ponto faz sentido, mas só se você excluir que as entidades também adoram aqueles que causam o sofrimento — Wilson dizia, deixando um longo e alfinetante silêncio.

Salem encarava a grama, estático e pensativo. Suas mãos começavam a tremer.

Nessa hora, ninguém sabia mais do que ele o quão fortes eram os inimigos que enfrentaria.

Wilson pareceu perceber o impacto e tentou reparar.

— Mas veja, sofrimento sem propósito também não faz sentido. Vamos ver se o rio está bom.

Wilson pegava as coisas, entregava algumas para Salem, e partiam para o rio, a não muitos metros de onde estavam.

— Veja, Salem. É isso que lhe espera se conseguir sofrer mais um pouco.

E apontava para o grande rio.

Árvores mesclavam-se ao azul. Pássaros sobrevoavam a margem e alguns peixes pintados eram visíveis, mesmo do lado de fora.

Alguns banhistas estavam na outra margem habitada do rio, banhando-se e lavando a alma com a natureza.

Salem adorava a tranquilidade da pesca. Saber que poderia se divertir sem ter medo de perigo ou aflição, pois lidava com criaturas que não lhe representavam mal algum e lidava com a água que, mesmo que o afogasse, não o fazia por perversidade. Era comum que Salem e Wilson fossem para parques aquáticos, Salem sempre insistia para que Wilson fosse nos tobogãs, mas nunca tinha coragem de ir. Ao invés disso, ficava na água na parte de baixo, esperando Wilson cair para rir.

O rio e a água (quando não da chuva) faziam Salem sentir que, enfim, não havia nada nesse mundo que temesse.

Era o único momento em que sua mente realmente descansava e em que se via como alguém normal.

— É... muito bonito, senhor Wilson — Salem dizia, verdadeiramente em paixão com o que via.

Mas a realidade não era tão maravilhosa.

Se Wilson não se apressasse, Salem jamais vislumbraria as maravilhas do rio de novo.

Ao invés do maravilhoso rio, continuava a caminhar pela rua escura e inquieta.

Observava a localização da escuta de Salem através do seu celular.

Foi quando um grupo de marginais encapuzados, com pistolas nas mãos e um curioso amuleto circular enegrecido com símbolos vermelho-sangue, o abordou.

— Ei, seu maluco — um deles, de fuzil, disse. Tinha na voz um tom de ameaça.

— Diga — respondeu Wilson.

— Tu é de onde? Não te vejo nessas bandas — disse o meliante.

Wilson respirou fundo. Estava frustrado, e com razão.

Não é nada fácil demorar tanto para ouvir alguém terminar uma frase.

“Maldita hora em que recebi isto”, pensava.

O homem terminou de questioná-lo em menos de dois segundos.

Mas, para Wilson, mais de dez se passaram.

“Para não envelhecer, atirar, transar e correr, isso até que vem a calhar. Mas para ouvir marginais falando... Até que deu sorte em sua maldição, Salem. Pelo menos você pode escolher quando usar.”

Como sempre, tudo estava em extrema câmera lenta.

E só por isso Wilson preferiu adiantar a situação.

— Quanto querem para me deixar passar? Tenho que cuidar da minha filha — ele disse.

Mentindo?

Impossível saber.

Mas certamente estava poupando palavras, como sempre faz quando conversa com quem não gosta.

Pois é duro manter-se falador em um dia de cento e vinte horas.

— Ih, o coroa vai cuidar da filhinha? Ela é gostosa? Fala pra gente — um deles disse.

Instantaneamente, Wilson percebeu que estava perdendo tempo.

Disparou em uma velocidade impossível para alguém de sua suposta idade.

Cada segundo lhe dava cinco para controlar a respiração, medir cada passo e correr melhor do que um verdadeiro atleta.

Por isso, até os meliantes conseguirem subir em suas motos para persegui-lo, Wilson já estava vários metros à frente.

— Esse velho corre rápido demais! — disse um deles, xingando.

Em poucos segundos, Wilson já estava longe.

E teve muito tempo para mirar com tranquilidade nas rodas dos veículos e destruí-las com um tiro certo, comprando ainda mais tempo.

Os meliantes disparavam contra Wilson.

Mas era inútil.

Ele conseguia traçar com clareza a esquiva perfeita para não ser atingido por nenhum tiro.

Mais seis homens se juntavam à perseguição, forçando Wilson a mudar a rota para um beco estreito e usar a escuridão para entrar atrás de uma lixeira, fazendo os meliantes pensarem que ele avançou e persegui-lo para onde achavam que ele foi.

Aproveitou a chance para recarregar e traçar um plano.

Lembrou-se, graças ao excessivo tempo em que teve que olhar para a tela, do nome do bar onde Salem estava.

Traçou no GPS uma rota precisa.

Assim que teve certeza de que a poeira havia baixado, levantou-se e partiu rumo a Salem.

Ou iria...

Até ouvir sons que chegaram a ele graças ao eco das paredes dos becos e encruzilhadas.

Ouviu com atenção.

— Eu estou te dizendo! Preciso falar com meu pai! — disse uma figura que Wilson ainda não conseguia ver.

Sua voz era fina, apesar de parecer masculina, e falava com um tom de demanda.

— Ricardo nunca falou pra gente sobre filho nenhum, moleque. É melhor você sair daqui antes que eu pegue raiva de você, sua desgraça — disse uma figura.

Provavelmente um traficante, pensou Wilson, que, a essa altura, estava grudado na parede ouvindo com atenção.

Arregalou os olhos ao entender o que estava acontecendo.

— Eu posso provar! Aqui, olha meu documento! — o rapaz dizia.

Parecia sacar algo dentro da bolsa que abriu.

Um som de tapa ecoa.

— Eu não quero ver porra nenhuma não, seu moleque! — ele disse.

Subitamente, um som de papel rasgando emergiu.

— Que porcaria é essa na tua roupa? Eu, hein! Esquisito!

E pareceu expulsá-lo com um empurrão, o qual ele aceitou tranquilamente.

Wilson esperou alguns segundos e conseguiu ver a silhueta, banhada de lua, caminhando cabisbaixa para longe de uma entrada da encruzilhada.

Era um rapaz.

A aparência denunciava entre vinte e vinte e cinco anos.

Cabelos loiros. Pele branca. Olhos azuis.

Vestia roupas curtas, cores vívidas, chaveiros por toda parte. Folhas de papel em branco cortadas e enfiadas nos bolsos.

Seu visual era infantil, assim como sua voz.

Mas seus braços exibiam cortes suaves na parte superior.

Wilson se aproxima com cautela, com as mãos para trás.

— Salem precisa de ajuda, Júnior — falou ele, instantaneamente provocando a virada do mesmo, que investe para longe e saca uma faca, a qual aponta na direção de Wilson.

— Quem é você?

— Sou o... responsável por Salem — Wilson disse. Pareceu ser a primeira vez que teve que pensar e dizer isso, mas lhe pareceu adequado.

— Eu não te conheço — disse Júnior, recuando com a faca em mãos.

— E não precisa. Salem tem 29 anos. Morava com você, Júnior, junto de sua mãe Marilene e seu pai Ricardo, em uma casa no interior daqui. Salem gosta de pescar, de batatas fritas, de gatos e de jogos virtuais. Ricardo vendeu você e Salem junto com sua mãe e a casa em troca de limpar a dívida dele. Eu não sabia que você estava vivo, mas, pelo visto, está. Se ainda não confia em mim, não importa. O que importa é que temos alguém a salvar — Wilson falou, aliviado ao terminar, pois demorou muito em sua perspectiva.

— Meu pai não faria... Enfim, você tem muita coisa pra me explicar, velhinho. A gente tem que ir logo — Júnior disse, com um tom ingênuo na voz de quem instantaneamente confiaria a vida a Wilson, mesmo desconhecendo-o.

Então começaram a correr.

Inicialmente, com sua maldição, Wilson consegue correr muito mais rápido e não se cansa nada fácil. Porém, ao sacar um papel, Júnior usa a faca em suas mãos para fazer um leve corte no braço e usar o sangue para escrever.

E, subitamente, começou a acompanhá-lo.

Wilson observou curiosamente, como se já tivesse entendido com o uso de algum conhecimento que tem.

Correram em paz por pouco tempo, até que fatalmente foram interrompidos.

Um grupo de traficantes se une em uma fileira de motocicletas em frente a Júnior e Wilson.

Disparos.

Wilson os vê com clareza. Por isso pode esquivar-se.

Júnior, por sua vez, recebe um tiro certo no peito e na barriga.

— JÚNIOR! NÃO! — Wilson grita, pegando-o e correndo para trás de um carro que lhes serviu de cobertura.

— O que foi, cara? Tá tudo bem! — Júnior disse, sem uma gota de sangue no corpo.

Ao puxar sua camisa, mostra uma série de papéis grudados no tórax.

Wilson reconhece uma escrita que pertence a entidades sanguinárias.

“Ferro...”, pensa Wilson. “Trata-se de escrita amaldiçoada o que este jovem usa. Eu devo dizer que o subestimei. É irmão de Salem, afinal.”

— Ótimo. Vamos seguir — Wilson diz, disfarçando o alívio e começando a disparar nos traficantes.

Preferiu disparar em zonas não letais. E conseguiu tranquilamente, derrubando todos os cinco com tiros nas pernas e, preferencialmente, nos braços.

Seguiram correndo.

Em apenas três esquinas chegariam até o bar onde está Salem.

Na terceira, encontraram mais alguns meliantes, que foram desbancados por Wilson.

Porém, foram mais de dez desta vez.

E Wilson não teve rota que não o assegurasse levar ao menos um tiro, o qual preferiu levar na perna direita.

Isso o impossibilitaria de correr, e o sangramento lhe seria letal em pouco tempo.

Porém, um papel escrito **“Fechado”** por Júnior foi o suficiente para fechar a ferida, forçando a carne, músculos e veias a se unirem como se nunca tivessem se separado.

Na segunda esquina, pararam de correr e passaram a se esgueirar furtivamente, visto que Wilson ouviu algo.

— Um momento, garoto.

Wilson põe o braço para que Júnior seja incapaz de avançar sem transpassá-lo.

— Ele está... diferente do que Salem me descreveu — Wilson disse, indicando com a mão um sinal de silêncio.

— Ele quem? — Júnior questiona, ansiando pela resposta e começando a sorrir.

— Seu... Ricardo — Wilson diz. Parecia estar prestes a dizer outra coisa. — Ele certamente está diferente do que Salem me descrevia como “um homem patético” e um “rato fraco e magro”. Ele parece... bem forte, na verdade. Ele está se despedindo de uma moça. Colocou ela em uma construção...

Wilson terminava.

Júnior estava falhando em conter a animação.

— Nós temos que falar com ele! É o único jeito de resolver este mal-entendido!

Ele dizia e começa a ir em direção a se revelar, mas Wilson o impedia.

— Este homem não é seu pai, garoto. Pode ter vindo da semente dele, mas ele não é seu pai. Nunca se esqueça que a culpa foi totalmente daquele rato nojento, imundo e asqueroso. — Eu matarei este homem no lugar de Salem.

— O quê? Você não pode fazer isso, velhinho! Você acha mesmo que Salem vai querer matar a única família dele que restou? Ele cometeu alguns erros aqui e ali, mas é a primeira vez de todos na Terra! Tenho certeza de que, mesmo que ele continue sendo um mala, será bem melhor para Salem recuperar o pai!

E, sem demora, Júnior gritou:

— Pai!

Antes mesmo que Wilson, com sua velocidade, pudesse impedir.

Por isso, Wilson preferiu não se revelar e tentar agir em cima da ingenuidade do rapaz, olhando discretamente pela brecha entre um carro, a esquina e a rua.

O homem olhou para trás.

Estava vestindo roupas escuras, fumando um cigarro. Tinha diversas tatuagens no corpo, incluindo um crucifixo desenhado na parte frontal do pescoço.

— Você é...? — ele questionou, desentendido.

— Sou eu, o Júnior! Eu visitei a empresa do senhor esses dias, procurando pelo senhor, mas não consegui encontrar. Nós finalmente nos vimos de novo!

E partiu em direção a abraçar Ricardo, o que consegue fazer.

O homem tem um nítido semblante de confusão, como se um turbilhão de pensamentos cruzasse sua mente.

— Você... está vivo, afinal.

O homem dizia.

E um grupo de três meliantes se aproximava apontando armas para Júnior.

Todos eles tinham o mesmo colar enegrecido com o símbolo.

Todos eles, incluindo Pedrinho, que também lá estava.

Ainda tinha nos olhos um semblante abalado e pesado por tudo que naquele dia ocorreu.

Mas, como esse era seu ofício, não tinha tempo para abalo.

Ricardo fez um gesto com a mão para que cessassem o ato.

— Eu presumo que também veio ver a bagunça que restou de Salem... Se tornou uma pessoa realmente... complicada de lidar.

— O quê? — Júnior questionou.

A última parte o fez entender que seu pai estava culpando Salem.

— É, meu filho. Algumas pessoas acabam lidando mal com as coisas que fazemos. Levam demais para o pessoal.

Júnior permanecia confuso.

Olhava para o pai com um olhar de quem tentava decifrar o que ele estava tentando dizer, Quem estava tentando culpar.

Wilson, por detrás da parede, tremia de raiva. Seus olhos tremelicam e seus dentes rangem. Não consegue entender como havia alguém que incorporava tão bem o semblante incondicional e ilógico de um rato.

— Mas pai, Salem precisa de ajuda... O senhor é nosso pai! — Júnior dizia, tentando puxá-lo pela manga da roupa.

— Já tratei disso, filho — dizia Ricardo, enquanto o som da explosão de pólvora de dezenas de armas era plenamente audível uma esquina à frente. — Dei a Salem a melhor ajuda que poderia ter.

Foi a gota d'água para Wilson.

Ele emerge por detrás da parede com um semblante e olhos de sangue. Apontou certamente a pistola, com a mira de um atirador, como alguém que queria apontar ao diabo mais de mil anjos.

Júnior se chocou ao ver a bala pintando de vermelho as paredes com o sangue, o cérebro e os dentes de Ricardo. Gritou desenfreadamente e jogou-se no chão atrás dele.

Instantaneamente, Wilson começou a correr na direção de Salem, ansioso para contar-lhe da maravilhosa e mais recente verdade: Ricardo estava morto...

Assim que passava ao lado do homem e de Júnior em choque, o cadáver agarra a perna de Wilson.

— O quê!?

Foi o que exclamou antes de tentar, sem sucesso, se soltar.

A cabeça de Ricardo começava a unir-se. Dentes voltavam ao lugar. O sangue reunia-se. O cérebro reformava-se.

E, ao lado de Pedrinho, um dos rapazes via seu pingente partir-se enquanto gritavam. A cabeça do jovem explodiu com o mesmo ritmo com o qual a bala derrubou Ricardo, que já começava a levantar-se.

Wilson tentava soltar-se do agarro do homem, que agora parecia ter uma força sobrenatural. Com um mover de mãos, expôs o fêmur de Wilson para fora da perna, causando um grito de dor, confusão e desespero agonizante.

Júnior, Pedrinho, Wilson e o meliante restante gritavam, paralisados.

Wilson tentou mais uma vez disparar contra o homem, mas foi parado com um chute que não só fez a arma voar para longe da desesperança, mas também quebrou dois dedos de sua mão.

— Se eu fosse assim tão fácil de matar, não estaria no cargo onde estou. Você, por outro lado, é frágil. Não é feito de aço, mas se põe à frente de tiros para proteger a quem? Um filho? Esposa? Não! Salem, um ser que contigo não tem relação alguma. Pelo quinto mandamento que quebrou, quem deve te matar sou eu!

Disse isso enquanto chutava o maxilar de Wilson, jogando ele e três dentes para longe.

— Pai! Para com isso! Nós temos que... temos que ficar juntos! — Júnior disse, agarrando-se ao passado que idealizou e à manga da camisa do pai.

Apenas para cair de volta no chão quando Ricardo lhe acertou uma cotovelada forte o bastante para fazê-lo cair sem forças.

— Garoto desgraçado. Se quisesse te procurar, eu teria. Eu faço o que eu quiser!

Ele disse, pisando nos dentes do rapaz inconsciente.

Pedrinho, totalmente horrorizado, já tinha fugido em uma corrida desenfreada a essa altura.

Wilson tentava levantar-se com uma só de suas pernas, mas outros doze meliantes emergiram dos becos com motos ensurdecedoramente barulhentas. Agarraram-no e começaram a esmurrar seu peito, rosto e barriga, já que ele estava imobilizado.

Ricardo se aproximava para ver de perto, com um sorriso cínico no rosto.

— Você não deveria ter saído de trás daquela parede... Você tem que entender o que acontece com os homens que se dedicam aos outros.

O som dos tiros acabou.

— Eu... já sei... — Wilson disse, provavelmente aceitando seu destino.

— Ah, é? E o que acontece?

— Eles têm pessoas para contar.

Ele dizia, formando um ensanguentado sorriso.

Ricardo olhou para trás.

E viu.

Viu a verdadeira figura de um demônio.

Ao lado de mil dos demônios imaginários que matou, e carregando a cabeça decapitada de um bárbaro, aparecia, coberta de sangue, a figura estarrecedora da figura com quem Wilson contava.

A marca brilhava e queimava a pele, revelando os olhos nutridos de ódio e nojo de Salem.

— Oh, meu Salem, é uma surpresa agradável que você tenha...

Foi interrompido pela velocidade com que Salem acertou sua cara com um soco que o arremessou a mais de cinco metros e fez o vidro de um carro quebrar quando Ricardo o atingiu.

Os meliantes sacavam as armas e gritavam:

— Acaba logo com essa porra! Mata o velho!

Apontavam para Wilson as armas.

Salem criou, através do sangue no corpo, mil adagas, que usou para cortar as mãos e cabeças de cada um dos homens.

Sua mente era agora um turbilhão de dor, ódio e nojo, que impulsionavam seus músculos e ossos a tornarem-se absurdamente mais potentes do que os de um humano.

Wilson caiu no chão, livre.

Salem correu na direção de Ricardo, pegou-o pela gola da camisa e levantou o punho, que envolveu em lâminas para degolá-lo.

O homem começava a sorrir.

— Olha só... mais um que dedicou a vida a outro homem. Quantos anos está treinando para me ver? Se apaixonou por mim por acaso?

Ele dizia enquanto mais mil motos e carros se aproximavam, lotados de homens armados.

Salem olhou para trás.

E as únicas imagens que se destacavam em meio aos demônios de sangue que via festejar eram as de Wilson e da figura que automaticamente reconheceu ter os cabelos de ouro e semblante inocente de Júnior.

Tendo a suspeita confirmada pelo gesto de cabeça de Wilson.

— Não pense que você vai escapar, seu rato. Só porque alguns imbecis dedicaram tudo a você, só porque você tem mais poder e dinheiro, só porque você é maior... isso não vai te fazer escapar da morte. De nenhuma das mil que eu vou te causar.

E o largou lá.

Pegou Wilson e Júnior e saiu mancando rumo aos becos e vielas.

A polícia foi incapaz de entrar no morro controlado pela facção.

A noite passou e uma incessante patrulha iniciou-se em busca dos três fugitivos pessoais de Ricardo.

Estavam enfiados em um beco sem saída.

A chuva caía, inundando-os.

Salem acalmou-se com uma das cartelas de comprimidos que Wilson carregava nas roupas e usou todos os trapos de roupa que alcançou para fechar os sangramentos de Wilson temporariamente.

À meia-noite, um meliante os encontrou, mas Salem conseguiu matá-lo antes de alertar mais alguém.

Apesar disso, era inevitável que acontecesse o que aconteceu.

— 08? Você tá aí?

Disse uma voz infantil que adentra o beco.

Salem se ergue em uma prontidão cansada e fatigada ao extremo.

Seu corpo não suportava mais esforço algum. Os efeitos do sofrimento já estavam equiparando seu corpo de volta ao de um humano e logo cederia.

Quando olhou para ver seu futuro inimigo, viu o semblante infantil de Pedrinho.

— Você... é você...

Ele disse, estarecido, ameaçado.

Não sabia se apontava ou não as armas. Não sabia se estava lidando com um monstro ou com aquele que caçava os monstros.

Não era surpresa alguma para ele que seus colegas de trabalho não eram as melhores pessoas do mundo.

— Sim... Vai atirar? — Salem disse, com a voz baixa e cansada, quase inaudível pela chuva. — Se for, ao menos salve estes dois de algum jeito. Eles não têm nada a ver com isso. Eu sou o único que está nos enfiando nessa situação. Mas ele precisa de ajuda médica urgente. Se não tratar logo, a perna dele vai cicatrizar desse jeito e ficar paralisada.

Pedrinho olhou para Salem com um olhar de indecisão e medo de tomar a decisão errada.

Ao ouvir a palavra “**paralisada**”, decidiu-se.

Ajudou Salem a carregar aqueles dois.

Cobriu-os parcialmente com as roupas do parceiro caído.

Nunca pensou que estaria numa situação como essa.

Mas, acordando alguns de seus amigos batedores de carteira, usou das distrações deles para conseguir passar com os suspeitos até o barraco atolado no morro que chamava de casa.

— Aqui. Pelo amor de Deus, não me envolvam nisso. Digam que invadiram este lugar, sei lá! — Pedrinho disse e saiu correndo desesperado para voltar para o posto.

Mas parou ao ouvir Salem.

— Obrigado, cara.

— De nada...

E partiu correndo.

Lá passaram a noite até o sol anunciar o fim temporário da patrulha em procura deles.

Salem decidiu então usar uma ambulância, a qual ligou dali mesmo. Assim, com certeza não negariam ou atrasariam a entrada.

Era a forma de escapar.

O Mundo de Carne, Capítulo 6

Pois, se resoluto o bastante, não haverá ao homem de carne necessidade de dialogar ou enfrentar a vontade de outro. Pois é somente a força e o sofrimento que podem permanentemente mudar a mente de um homem.

Sexto Mandamento do Assassino: Sem conversa.

Em duas ambulâncias separadas, escaparam da selva controlada pelos bárbaros. Foram colocados no mesmo quarto de hospital, que a Salem lembrava muito.

Salem encarava Wilson e Júnior, desmaiados e já tratados após algumas horas. Suas mãos ainda tinham algumas lembranças de vermelho-sangue das incontáveis batalhas que travou e das quais ainda se recuperava.

Olhou para Wilson, aliviado por não tê-lo perdido.
E para Júnior, confuso por tê-lo ganhado.

Tentou decidir logicamente que tinha, de fato, resgatado seu irmão do passado — e não um estranho sócia qualquer. Mas teve certeza ao procurar seus documentos e encontrar escrito o nome que, havia tanto tempo, pensou ter morrido naquele fatídico dia.

— Eu já estava decidido que você era mais um dos que eu ia vingar por aquele dia... Agora você está aqui, desmaiado... Será que está vivo? Ele está vivo?

Parou para checar seu pulso.

— Está realmente vivo... Uau... E pensar que, logo depois de você aparecer, eu quase te perdi de novo.

Salem pegou seu celular e, como recorrentemente fazia, alimentava seu ódio ao ver fotos do passado.

Parou ao achar uma foto sua no baile, ao lado de Vanessa.

— Aquela vagabunda...

Foi o jeito que achou para expressar absolutamente nada, pois não encontrou meio de justificar a mudança tão abrupta de uma pessoa que, para Salem, fora tão importante no passado.

Sua mente ainda tinha pitadas de dúvida.

“Talvez ela esteja sendo forçada.”

Mas lembrou-se do sorriso no rosto dela.

Era muito... autêntico.

Ela sempre foi autêntica. Só nunca pensou que um dia seria dessa forma, ao lado daquele rato.

“As pessoas mudam...” pensava.

Mas também pensava que *“ela estava apenas se adaptando ao que sofreu, estava dançando conforme a música, tal como eu.”*

Mas não conseguiu acreditar nisso.

“Quão distante o rio da mudança pode levar alguém maravilhoso? O quão nojento pode se tornar alguém gracioso quando precisar ser imundo?”

Perguntava-se.

Mas não entendia a resposta.

Cresceu em Salem a urgência de investigar e descobrir o que provocou uma mudança tão absurda. A ânsia de demonizar lutava contra a curiosidade de compreender.

Mas, enquanto Vanessa era ambígua em sua mente, o rato era absoluto.

Não conseguia deixar de sentir queimar no peito a chama de angústia que surgia ao lembrar-se de como o verme deveria estar vivendo uma vida divina agora mesmo.

Como ele foi recompensado com luxos e riquezas por atos hediondos e abomináveis.

Salem já nem o via mais como uma pessoa.

Apenas como a resposta para a natureza do mundo bárbaro e carniceiro em que vivia.

Um mundo onde tudo que é bom é recompensado com o mau, e tudo que é mau é recompensado com o bom.

Misturava essa dor com a surpresa de Júnior.

“Nada permanece do jeito que eu acho que é...” Salem pensava ao ver a realidade em que Júnior estava vivo — e bem.

“A única coisa eterna na minha vida é rancor. Não posso nem ter certeza de quem está vivo ou morto, bom ou mau.”

Mas, na mesma medida em que tinha incerteza, tinha também alegria por não ter perdido tanto quanto imaginou.

E, como tudo que é bom dura pouco, a alegria tornou-se dúvida.

“Por treze anos ficamos mortos um para o outro... e foi ele que veio me procurar... É por isso que mereço tudo isso? Talvez seja esta a resposta.”

Tentou também, como forma de livramento, associar seu sofrimento à sua cor de pele, gênero ou classe.

Mas percebeu que, fosse qual fosse, no caso dele não era ela a definidora.

Ainda estaria à mercê dos bárbaros em toda ocasião.

Os bárbaros prostituíram até seu próprio Deus. Salem já tentou acreditar nele e rezar para que salvasse e consertasse sua vida, mas não conseguia imaginar que teria qualquer efeito. Sua personalidade tendia a ver tudo, por mais puro e belo, como algo ruim, usado como fonte de dinheiro e manipulação. Mesmo que apenas em alguns casos fosse.

Deus não o salvaria, jamais.

Pois:

“Enquanto eu viver com os ratos, vou ser roído como queijo.”

A desgraça é cega e burra. Não vai ver quem sou e nem pensar em motivo algum para acabar com a minha vida.

Mas pensar em Júnior — ou Wilson — pessoas que já lhe fizeram tanto bem de forma incondicional, levantava a dúvida de atribuir aos ratos a desgraça... ou a si próprio. Sua vida era sempre ambígua ao ponto de que nunca conseguia deduzir se era puramente boa, ou puramente má.

A dúvida já o fazia começar a ver a carne ambulante surgir.

Mas consertou a situação.

“Eu vou mostrar pra eles, irmão.”

Era a única frase que, tal como Atlas, segurava o peso da sua mente decadente, atribuindo à retribuição o dever de consertar a dúvida.

Preferiu sair da tortura do passado e do futuro e olhar para o que tinha que fazer agora.

Por isso, olhou para as próprias feridas.

Seu corpo, graças às costuras, assemelhava-se a um brinquedo.

Um urso de pelúcia.

Costurado após muito ser usado e reparado apenas para ser quebrado novamente.

— É... Vamos ter que ficar na encolha por um tempo se quisermos invadir...

Salem se levantava.

Preocupou-se se Júnior estava respirando.

Quando foi checar, preocupou-se se Wilson também estava.

Foi checar.

Mas, ao ir checar, preocupou-se com qual remédio estava na veia de Júnior.

E, ao ir checar, percebeu que um dos médicos já tinha entrado na sala e o observava com ferramentas e utensílios diferentes nas mãos.

— Ehh... Eu estava só...

Colocou as coisas de volta no lugar.

— Eu só vim dizer que seus amigos já receberam alta. Eles podem voltar para casa. Mas você ainda precisa de alguns dias. Suas feridas são muito graves.

Mesmo relutante, e preocupado em se afastar dos dois outra vez, Salem preferiu não se opor.

Pois também precisava de um tempo para pensar.

E gostava de se isolar de tudo quando tem muito a processar.

O barulho, as pessoas ao seu redor, a rotina — tudo o distrai de compreender o que acontece. E Salem acumula tudo até que não compreenda mais nada.

Júnior e Wilson foram embora assim que acordaram. Nem Salem nem o irmão tinham mente suficiente para debater tudo naquele momento ou lugar. Então preferiram a simples solução de adiar qualquer conversa relevante e preencher a lacuna com conversa pequena e fútil, conscientemente ignorando o elefante na sala.

Salem permaneceu no hospital mais dois dias e meio, e apenas Wilson veio visitá-lo. Wilson lhe disse que Júnior ainda precisava de um tempo, que ele disse “não gostar do clima de hospitais ou de ver pessoas doentes”.

Após o tempo esperado, Salem criou coragem e retornou ao hotel.

Enxugou da chuva os sapatos molhados e entrou, desvencilhando-se parcialmente das roupas molhadas que cobriam seu corpo inteiro. Viu Wilson sentado no sofá, manuseando algum trabalho em seu computador, e a ele pediu bênção.

— Bem-vindo de volta, Salem — disse Wilson, roboticamente, como sempre. — Muita coisa acontecendo ultimamente, não é?

— É — disse Salem, acomodando-se no sofá ao lado de Wilson e deixando ao lado suas malas molhadas. — Vamos precisar ficar na encolha por um tempo.

— Não tem problema. Mesmo sem suas feridas, seria útil esperar um tempo para recuperar o elemento surpresa — confortou Wilson.

— Então... o que vai ser? — questionou Salem, com apreensão na voz.

— Bom... vamos ir lá e fazer o que queremos fazer há tanto tempo.

— Ainda não sei por que você se mete em tanta loucura por minha causa.

— De novo com esse papo ? Vire a página, Salem. Também não sei explicar, mas sinto que é o certo.

Ainda eram notáveis as ataduras e curativos que cobriam parcialmente suas feridas fechadas. Salem encarou-as, escorreu o nariz, e os olhos serviram de barragem enquanto tentava virar o rosto.

Wilson levantou instantaneamente.

— Oh, Salem... não é culpa sua... eu lutei mal... — disse Wilson, colocando as mãos de conforto sobre os ombros trêmulos.

Salem tremeu pela própria vida — e, pela primeira vez, pela vida de Wilson. E o peso de saber que agora tinha mais uma a temer o fez soterrar o rosto no ombro dele, que o confortou.

— Não foi culpa sua, Salem... Nada do que aconteceu naquela noite.

— Nada?

— Nada — completou Wilson. — Você não precisa ser extraordinário para ser amado, e também não precisa ser ruim para ser traído. Se você foi traído por uma pessoa que já foi tão boa, não importa quão bem ela já te fez, por favor se lembre: A culpa não é sua. A culpa não é sua.

Repetiu, tentando colocar essas duas coisas na cabeça de Salem, que interpretava esta simples frase como consolo para outras mil.

— Você lutou muito bem. Teria morrido se não fosse por você.

— Vou lutar melhor. Muito melhor.

— Vamos precisar mesmo. Invadiremos em um mês.

— Então é isso... tá decidido.

— Já estava há bastante tempo — disse ele, decidido. — Com o celular do Senhor Urso e a digital dele, consegui descobrir a localização do cartel onde, em alguns dias da semana, trabalham Josael e Ricardo — e às vezes é acompanhado por Vanessa.

— Vamos precisar de um plano e de todo apoio que tivermos. São muitos deles — disse Salem, preocupado. — Onde tá o Júnior?

Ofuscantes e estimulantes eram as luzes do lugar. As telas e máquinas entretinham e distraíam dezenas de crianças — e Júnior.

Imerso na experiência do alucinante **Mr Facas 2: O Inimigo no Espelho**, Júnior nem percebia que se aproximava dele uma figura que destoava de tudo de puro e infantil no fliperama.

Salem tocou-lhe o ombro.

— Você ainda gosta desse jogo? Que legal, cara...

E pôs-se a jogar na segunda posição da mesma máquina.

— É, ele é muito legal! A continuação saiu esses dias!

Um silêncio se estabeleceu entre os dois depois disso.

— Eu... não te avisei da continuação porque...

Segurando as lágrimas, Salem respondeu:

— Eu sei, cara.

Salem disse, aconchegando-lhe o ombro com a mão.

Júnior se derramou no choro e desistiu do jogo para abraçar Salem, que o abraçou de volta, contendo dentro de si os anos de dúvida, de questionamento e de preocupação, para que também não imitasse o irmão.

— Eu sei, mano. Eu sei.

E passou-lhe a mão entre os cabelos.

Encerrando treze anos de luto.

Júnior enfim limpou as manchas de ressentimento, preocupação e ansiedade e poderia se banhar no rio.

Não havia por que caçar os tubarões do rio vizinho.

Não havia por que se distrair e desperdiçar mais tempo.

Não havia por que deixar a vida lhes ser roubada pelas manchas de sangue que cobrem o rio.

Salem agarrou um tesouro que sequer se via merecedor. Pois como poderia ter se entregado à matança e ser recompensado com algo tão além da carne e dos ossos?

Para aquele que abdicou do ego, não se teme bala alguma.

Mas Salem acabava de ver a fraqueza desse estilo de vida.

O soldado deve, para ceifar o inimigo e viver em paz, sair do lar e fazê-lo. Mas, se sair, deixa desprotegida a prole.

Foi no abraço que Salem bateu continência para o general da morte, que há tanto havia deixado de temer.

Ideias do rio voavam em sua mente.

Ideias sobre pesca.

Sobre paz.

Mas a mancha não se apaga.
A chuva não cessa.
E a mente de Salem não descansa.

— Eu achei que tinham matado você... — disse Júnior, cortando como navalha o silêncio para matar a dúvida.

Falou virando o rosto para trás, de volta para os jogos.

— Eu também achei... — Salem disse, com um sorriso de reconforto no rosto ao ver que a psicose de sua mente existia apenas nela e que o ódio que pensou sofrer não existia fora da teoria.

Derramou a primeira lágrima.

Dessa vez, de emoção.

A marca brilha suavemente em resposta — um brilho confuso diante da confusão de interpretar o sentido de uma lágrima que, sem tristeza ou dor, cai ao chão.

Júnior percebe de relance.

— Você também?

— Sim.

— Eu... sinto muito... — Júnior falava, mostrando nos dedos uma marca apagada e borrada, como uma folha em chamas, distante da marca carmesim viva e explícita de Salem.

— Foi desde aquele dia — Salem disse, cerrando os punhos e deixando o abraço.

— Agora nós podemos esquecer, mano! Vamos poder viver de novo!

Salem olhou confuso, como Sísifo, como se todo aquele tempo estivesse empurrando a pedra pela montanha errada.

— O quê?

— Sim, ué. Você deve ter juntado alguma grana, que nem eu! A gente vai embora daqui, pra bem longe e...

— Você estava no dia?

— Sim, ué. Claro que estava.

— Você não viu o que eles fizeram? — questionou. A possibilidade de Júnior não se importar com o que ocorreu espetou sua mente como uma agulha fumegante. Mas não era possível que aquela fosse a realidade. Não podia ser.

— É a primeira vez de todo mundo na Terra, mano. Eu achei que tudo que você queria era esquecer aquele dia. Não é esse o melhor jeito?

Salem olhou para os olhos inocentes de Júnior. Não via neles ironia, raiva nem graça. Falava sério. Não parecia nem saber exatamente o que havia acontecido naquele fatídico dia.

— Sim. Depois que eles morrerem. Como você consegue dormir sabendo que aqueles desgraçados estão na vida mansa às custas da mamãe? Sabendo que ninguém puniu eles?

Júnior estremeceu e virou o rosto para as telas. Salem o capturou.

— Olha pra mim, cara. “Primeira vez na Terra” é o caralho. Algumas pessoas fariam aquilo na primeira e na milésima vez. E a elas nem respeito, nem direitos humanos, nem vida eu vou dar! Nada!.

— Mas... Nós não temos direito de nos vingar! Temos que ser pacíficos.— repetia como um mantra.

— Não, mano. Tu não é pacífico. Tu é fraco. Algumas pessoas não merecem nem o ar que respiram, não merecem nem a água que bebem. Algumas fazem merda e são recompensadas — não por ingenuidade, não por inocência, mas por interesse, por descontrole. Não há quase ninguém nesse mundo que não mereça ou precise ser ferido para criar vergonha e melhorar antes que passe do...

Salem pausou a própria fala, causando o olhar de expectativa de Júnior.

— ...do ponto de não retorno. Do ponto em que você não é mais gente.

— Mas...

— Eu quero te mostrar uma coisa.

Calada é a noite. Próximo ao zero, o relógio marca o horário em que muitos estão voltando da corrida dos ratos em busca do refúgio efêmero do lar.

A rua castiga o trabalhador honesto com chuva e hostilidade. E, para isso, não há exceção.

Uma moça de cabelos curtos caminha com pressa pela rua encharcada, tentando de tudo para não cair ou comprometer algum pertence na água.

Um grupo de encapuzados em um beco ao lado da rua em que ela caminha a encara.

Assobios. Escárnio. “Convites”.

Ela começa a andar mais rápido.

Um deles avança e se afirma ao grupo com um nítido sinal de que está prestes a se divertir.

A moça chega até a porta de casa. Com pressa e desesperada, saca suas chaves, revira e rebusca.

Cada tentativa custa segundos enquanto o homem se aproxima. Ela percebe.

Na primeira, não abre.

Nem na segunda.

Nem na terceira.

E na quarta — vai abrir.

Ou abriria.

Se não fosse derrubada pela mão porca e nojenta do homem.

— Pra onde vai tão cedo, princesa?

Ela tenta gritar. Sem sucesso.

O imundo começa a se despir e a segurá-la para que, de forma alguma, fosse capaz de escapar ou gritar — apenas cedesse à vontade do verme.

Ou cederia.

Mas, melhor do que isso, a moça foi banhada em vermelho.

Antes que pudesse fazer qualquer coisa além de finalmente gritar, o vermelho respingou em sua boca.

Braço.

Cabeça.

Pescoço.

Olhos.
Pernas.

Todos foram fatiados por um assassino impiedoso que aproveitava cada momento do deleite de sangue, fazendo questão de tornar o processo tão demorado quanto possível.

Ela desmaiou de pavor.

Foi segurada pelo herói/heróina sanguinária que, com uso das chaves, deixou-a em casa, trancou a porta e fugiu.

— Você sabe o que ia acontecer aqui, não é? — disse Salem, limpando o sangue das roupas que retirava, ainda com um sorriso no rosto.

— Ele ia...

— Sim. Ele ia. Não porque é a primeira vez dele na Terra, mas porque ele era um pedaço de merda. Não pela criação dele. Não pela sociedade. Porque ele quis. Ele tinha muitas opções além disso ou morte. Tirei a vida dele e de muitos outros iguais. É um hobby. E, mesmo assim, ainda não matei nenhum homem ou mulher na vida.

Júnior encarava em silêncio, com a boca semiaberta. Olhava para o sangue em Salem e forçava a mente a associar aquilo à bondade e à justiça, com ajuda das lembranças do que o verme faria com a moça na ausência de alguém para interrompê-lo.

Olhou para as próprias mãos.

Com dedos incertos e trêmulos, fechou-as.

Tornaram para casa e se acomodaram.

Salem se enxugou da chuva com uma toalha vermelho-sangue e entrou ao lado de Júnior.

Entregou-lhe a toalha.

Ele apreciou o gesto e se enxugou apenas parcialmente.

Encontraram Wilson lendo no sofá, ao som apenas dos estalos da lareira da casa que alugaram por aqueles dias.

Tomava um chocolate quente e gozava da habilidade de ler livros muito rápido — aparentemente — graças à sua maldição.

Júnior sorriu para Salem e entrou no quarto. Salem preferiu não importuná-lo.

Sentou-se, já seco, ao lado de Wilson.

Não quis interrompê-lo. Sabia que para ele a leitura era um momento de prazer, visto que o lembrava de que sua visão lenta do tempo não era de todo ruim.

Salem começou a se revirar no sofá. Seu pé começou a dançar para cima e para baixo.

Wilson olhou de canto e sorriu.

— Pode falar.

— Não vou interromper sua leitura.

— Pode falar, Salem. Já terminei de todo modo — disse Wilson, fechando o livro e dando a Salem total atenção.

— Eu sou egoísta, Wilson?

— Sim.

Resposta que, apesar de concordar, Salem não esperava ouvir. Salem se surpreendeu e abriu a boca em surpresa.

— Mas calma — continuou Wilson —, não digo isso porque acho que você é uma pessoa ruim. Longe disso.

— Não sou?

— Não necessariamente... Veja: mesmo que precisemos uns dos outros para comer, trabalhar e conversar, todos nós somos bem desgraçados.

Salem, em gesto de interesse, ergueu o corpo para frente.

— Se cavar o bastante, até a mãe mais carinhosa, até o policial mais dedicado pode ser visto como egoísta. Se você se jogar na frente de um tiro, sempre vai aparecer um espertinho dizendo: “Você é um egoísta! Se matou no meu lugar pra não ter que viver sem mim!” Caso seja um ente querido — já que seria inadequado dizer isso para um desconhecido. Mas você entendeu, não é?

— Acho que sim.

— Ótimo. Tudo que fazemos é porque queremos, porque nos sentimos melhor ao fazê-lo ou porque há alguma recompensa útil para nós. Até o sexo se envolve nisso: duas partes se satisfazendo entre si por prazer, ego ou status. Então não seja o cara chato que chama todos de egoístas. Se cavar o suficiente, todos somos meio desgraçados.

— Você gosta de sexo, hein? — disse Salem, em tom provocante de brincadeira.

— Já gostei muito — riu Wilson.

— E não gosta mais?

— Percebi que a maioria das pessoas não estava lá para... — Wilson pausou, tentando achar algo que pudesse usar para explicar melhor a Salem. — Dizer que é pescador, e não para pescar.

— Ah, sim. Bem desgraçado, né? — disse Salem.

— Sim. Não tem como ninguém escapar disso.

— Eu acho que você está enganado.

Wilson levantou a sobrancelha, interessado.

— O Júnior é a exceção da sua regra. Tudo que ele faz, faz pensando no outro, em como o outro vai se sentir, de um jeito até ingênuo.

— Acho que discordamos a partir daqui. Júnior não quer se envolver porque acha que isso é melhor para vocês, mas tem certeza de que é melhor para ele. Viu? É só cavar o suficiente.

— Se dá pra aplicar isso a todo mundo, então ninguém é egoísta.

E Salem se alegrou ao concluir que, se o que disse fosse verdade, também não seria.

— Somos gente, Salem.

A sala ficou em silêncio, e a lareira virou a música e o centro dos olhares dos dois por alguns minutos. Apesar de tranquilizado, Salem ainda duvidava.

— Então... levamos ele?

— Não podemos forçá-lo. Mas, se ele nos seguir, então que ajude.

— Era só isso.

Salem se levantou do sofá e partiu em direção ao quarto.

— Ah... e obrigado, Wilson — disse Salem, parecendo agradecer por mais do que apenas a conversa.

— Não há de quê, Salem.

Wilson pareceu perceber algo.

— Ah, espere.

Agachou-se e ajoelhou-se mesmo com os joelhos velhos e cansados. Agarrou o braço de Salem, mesmo com as mãos trêmulas de sono, e manteve os olhos firmes, ainda que a fadiga o contrariasse. Rapidamente trocou o curativo da mão de Salem, ferida nos combates anteriores.

— Se cuide melhor, Salem.

— Obrigado de novo, Wilson — disse Salem, sorrindo de gratidão e também por ter descoberto a resposta do dilema: a única verdadeira exceção.

Partiu então para seus aposentos.

Dessa vez colocou menos de seis cadeados na porta — bem melhor do que o convencional.

Conseguiu também dormir longe do telefone e dos gatos que deixou em casa. E conseguiu dormir com bem menos roupa do que costumava, o que o ajudaria a não acordar suado e abafado pelas camadas de vestimentas que lhe davam a sensação de proteção necessária para conseguir fechar os olhos.

— Eu sou a pessoa mais egoísta deste mundo — disse, encarando a janela e a paisagem, olhando para as outras casas que continham as outras pessoas mais egoístas do mundo.

Adormeceu.

“Eu perdi a minha vida normal.”

No quarto invisível, coberto pela noite, Júnior pensava.

Sua mente coçava de saudades de sua antiga e premeditada rotina, onde tudo estava sob seu controle: acordar, se lavar, se vestir, partir para a entrega das cartas e correspondências do dia, almoçar, retornar para casa e se acomodar em algum

fliperama — ou na casa que dividia com as duas senhoras que conheceu na internet e com quem dividia as contas.

Sentia-se, às vezes, como elas: estáticas, aconchegadas na rotina e aversas a tudo que surpreendesse seus dias.

Mas via nisso um certo prazer.

Não era bom com as garotas. Sempre queria coisas sérias antes da hora. Por isso assustou muitas. Mas com algumas teve sucesso e, em cada uma, via sempre a chance de também aconchegar suas noites.

“Tenho que ajudar Salem”, pensava.

E sentia-se culpado ao perceber que não queria.

“Eu devo ser muito egoísta”, repetiu.

Lutava para querer ajudar, mas resistia ao desejo de ficar.

Lembrou-se do que lhe foi dito por Salem. Não queria ser submisso, fraco e passivo. Queria agir. Mas a ação sempre o levava tão longe do aconchego dos fliperamas.

Lembrou dos treze anos de distância. De como poderia ser a vida onde ninguém mais carrega fardo algum.

E decidiu vestir as roupas do ofício e tratar aquilo como mais um dia de serviço.

“Vou unir tudo de novo, e então vamos viver novamente!”, pensou, como alguém que amarra cordas em barcos à deriva, separados pela maré.

Wilson quebraria toda corda desse mundo se pudesse.

Refletia no quarto escuro.

Sua maldição permitia dormir menos e descansar o equivalente a uma noite convencional de sono, então usava o tempo restante para planejar e refletir.

Olhou para seu velho e empoeirado distintivo e lembrou-se do pai.

— Eu vou fazer justiça — confortou-se ao dizer.

Sua mente vagabunda logo o colocou na pele de um rato.

Um rato pequeno e nu, diante de um mar de ratos em pele de gato, que o envolviam e rosnavam em busca de seu queijo.

Os ratos. Sempre são eles.

Como na cela. Como no Vietnã.

Ele não teve escolha, ok?

Os garotos estavam armados. Eles iam atirar.

Ele não podia deixar isso acontecer de novo. Não podia deixar os gatos roubarem seu queijo.

Não outra vez.

“Eu deveria ter atirado antes”, confortou-se.

“Não vou demorar dessa vez.”

E lembrou-se de cada segundo em que segurou seu queijo sangrando nos braços. Cada segundo que o amaldiçoou com mil anos de demora.

Cada segundo caro de um centavo.

“Não vou demorar de novo.”

O Mundo de Carne, Capítulo 7.

O conhecimento a mente velha e fraca devora.

A força, a velhice consome.

A beleza, status, fama, respeito — tudo é consumido pela morte.

Menos a vontade.

A morte nunca vai tomar de um homem o desejo.

Sétimo mandamento do assassino: nada vai lhe tirar da cabeça a tua vontade.

A água é como o homem.

A superfície engana. Mostra algo convidativo. Ilude.

A superfície parece fresca e pura. Parece profunda — mas de um jeito misterioso e instigante.

Maleável como a água, essa é apenas a forma pela qual o homem sempre vai fazer de tudo para buscar um mundo que o aconchegue.

Nada pode impedir um homem de buscar cumprir seus desejos e caprichos.

Da mesma forma, a superfície convidativa esconde a calamidade que um homem pode trazer em nome de um único desejo.

E, como uma tempestade, nada pode fazê-la parar senão ela mesma.

Estavam em seu lar de origem.

Em três barcos separados estavam Salem, Wilson e Júnior, um mês depois dos ocorridos, pescando sob a superfície do rio que agora apresentavam a Júnior.

Aplicaram ao barco de Júnior uma corda para que a correnteza nunca fosse capaz de separá-los.

Durante aquele mês focaram em recuperar-se das feridas causadas no confronto do morro — e conseguiram.

Foram aos fliperamas com Júnior, ao tiro ao alvo com Wilson, e agora estavam tentando algo que Salem gostava.

— Olha, Salem! — disse Júnior, com os olhos brilhando.

Empolgado, lançou a isca ao rio, jogando o mais longe que conseguiu.

Salem fez uma cara impressionada, alegrando o irmão.

— Eu e o Wilson sempre corremos pra cá quando queremos fugir de gente. Funciona muito bem.

— É legal fugir às vezes! É bom pra cabeça — disse Júnior, fisingando algo.

— Pena que não dá pra fazer isso pra sempre — disse Wilson, fisingando algo também.

Era só um pedaço de mato.

Ficaram em silêncio por um tempo, aproveitando a companhia e a pescaria.

Até que Wilson trouxe o assunto à tona.

— Então... eu formulei um plano.

Pegos de surpresa, Salem e Júnior o olharam com curiosidade.

— Chegou a hora, então — disse Salem.

— É... — Júnior deixou escapar.

— Alguns amigos meus da polícia não tiveram coragem de falar até eu lhes agradecer com alguns milhares. Mas consegui muita coisa.

Wilson respirou fundo.

— Josael está velho. Ricardo assumiu a maioria das biqueiras dele e distribui o pagamento para Josael e os outros funcionários.

Wilson claramente evitava citar Vanessa.

— Porém, Ricardo não pode movimentar grandes quantias de uma vez sem incomodar a Receita. Por isso, seus funcionários recebem menos do que deveriam.

Salem reagiu como se já tivesse passado por aquilo.

— Ele tem motivos para querer a boa vontade dos funcionários. Eles não sabem por quê... mas nós sabemos.

Wilson disse isso olhando para as feridas de Salem, que pareceu — junto de Júnior — ter entendido.

— E como ele resolve isso? — perguntou Júnior.

— Simples. Lavagem de dinheiro.

— Ele vai inaugurar um teatro na capital amanhã e fazer uma festa em homenagem. Declarando que seu dinheiro vem do teatro, vai conseguir movimentar muito mais sem precisar de “laranjas”.

Júnior parecia não ter entendido o termo.

— E qual o plano então?

— Bom... para que a polícia faça vista grossa, ele precisa de alguns “amigos”.

— Políticos — completou Salem.

— Perfeito. Henrique Meirelles vai ajudar ele com isso e financiar o teatro. Vamos usar o velho para entrar e receber as informações que precisamos.

Um suspiro cansado saiu de Salem.

Retornaram da pescaria sem peixes. Estavam agora abraçados pela grande metrópole onde eles são os únicos que os conhecem. Eram iluminados suavemente pela tranquila luz da lua, que claro, era interrompida pela opressora luz de faróis, postes e luzes comerciais. Caminhavam lado a lado Salem, Wilson e Júnior.

Salem olhava com desconfiança para todos que passavam entre eles. Wilson puxava Salem para perto sempre que, por distração, fosse esbarrar em algo ou alguém.

Júnior andava com o braço ao redor do de Salem, com um sorriso largo no rosto e apontando sempre para toda e qualquer construção que vissem.

-Não podíamos ter pedido algo pra casa? -Resmungou Salem.

-Mas aqui é tão legal! -Júnior respondeu.

-Acho que será útil nos acostumarmos a interagir com massas em nome do plano.

-Disse Wilson. Tinha uma intenção que soava falsa na voz.

Entraram num restaurante chique e bem afeiçoado. Uma luz suave e amarela contrastava com a poluição quase porca do exterior. As cores tinham tons vivos de marrom, amarelo e verde com plantas grudadas nas paredes. Prendiam a atenção de Salem por diferenciarem o cinza e quadrado que, por muitas vezes, foi motivo de reclamação com Wilson.

-Aqui é bonito. -Disse Salem, brincando com uma plantinha. -Olha, Júnior!

Falou enquanto transformava uma folhinha em uma faquinha de brinquedo com sua maldição. Júnior deu risada. Wilson repreende os dois, mas sem raiva real na voz. Não estava perdendo tempo dessa vez.

-Não permitam que as pessoas os vejam usando maldições, meninos. -Disse Wilson, sentando-se com eles na mesa. -Ninguém tem olhos de aceitação com isso depois da nova lei do governador.

-Que lei? -Questionou Júnior. Era nítido que, seja lá onde tenha passado, não focava muito de seu tempo em ver assuntos da realidade.

-”PCAs não podem usar maldições em público”, ou alguma baboseira assim. -Disse Salem, com desdém na voz. -Sempre dão um jeito de fazer amaldiçoados agirem menos como amaldiçoados.

-Ah, eu não sabia que faziam leis pra isso. -Júnior falou, com um tom decepcionado na voz. -Imagina que legal se não tivesse! Eu poderia sair escrevendo na rua toda!

Júnior falou, dando risada.

-Eu acho que é por isso que existem leis para isso, somos diferentes. -Wilson falou. -Mas Salem não está sem razão. Algumas dessas leis tem motivações um pouco difíceis de não questionar.

-Ah, mas você não precisa cumprir elas né, velhinho? Deu sorte, sua maldição é bem discretinha! -Júnior questionou a Wilson, que pareceu um pouco embasbacado com a pergunta. Salem deu risada.

-Ora, toda maldição é ruim.

-A minha nem tanto, ela é legal! -Disse Júnior.

-Até você mandar uma figurinha de explosão para mim por mensagem de texto. -Salem disse, ironicamente. Olhou instantaneamente para Wilson. Sempre sabia quando uma piada duvidosa sua era boa, pois Wilson sempre dava risada. Era o caso.

-Mas, querendo ou não, minha maldição até que é sortuda. -Disse, apontando para o garçom que vinha os atender. -Se minha maldição pudesse ferir outros, provavelmente não teriam nos deixado entrar.

Disse, após pedir os pratos de cada um.

O garçom era um homem amaldiçoado. E, trazendo as fritas com ketchup de Júnior, acabou apertando o prato com força demais e estourando-o.

-Oh! -As pessoas ao redor gritaram em surpresa.

Os pedaços quebrados cobriram a mesa e as roupas de Wilson.

-Meu Deus do céu! Desculpa, Desculpa! -Disse o homem, implorando. Isso NÃO poderia ter acontecido.

-Está tudo bem, rapaz. -Wilson acalmou, colocando a mão no ombro do rapaz. -Mil tendões, não é? Marca difícil.

O gerente olhava, claramente enraivecido enquanto o rapaz limpava tudo. Wilson estendeu algo e colocou na mão do rapaz discretamente enquanto ele ia embora envergonhado.

-É pra isso que serve o dinheiro, meninos. -Disse, encarando as pessoas ao redor. Que, por alguma razão, insistiam em cochichar sobre um acidente tão simples.

-Pra quebrar pratos? -Júnior questionou, brincando.

-Certamente não é para cochichar em roupas chiques quando QUALQUER coisa acontecer. -Disse Salem, olhando para as outras mesas. Sempre teve nojo de ambientes públicos por isso. Estão todos mascarados. "Parece que todo mundo está atuando, toda hora!" já chegou a dizer para Wilson anos atrás.

Wilson e Salem concordavam sobre muitas coisas, essa era uma delas.

-Aquele carinha pediu desculpas com muita vontade, né? -Júnior questionou.

-Provavelmente vai ser demitido por isso. A tolerância com PCAs não é muito abrangente. Ainda mais os que tem maldições pobres. -Wilson explicou. -Já não basta pagar mais imposto.

-Que coisa, hein?! -Júnior indagou. -Até um cara sem marquinha poderia ter feito aquilo.

-Quando acabarmos tudo isso, compramos uma casa no campo. -Salem falou, com empolgação. Sempre gostou MUITO da ideia.

-Com certeza. -Wilson acenou. -Lá tem mais do que três cores por rua. Todo mundo se conhece, então esses cochichos não existem. Você quebra um prato e limpa os cacos, só isso.

Falou, suspirando.

A comida chegou. Apesar de tudo, Salem estava, conforme a conversa fluía, aprendendo a gostar disso. Apesar do ambiente hostil, das luzes, do cinza, estavam ao redor de uma mesa. Isso dificilmente acontece em casa, estão todos imersos nas próprias vidas. Mas aqui eram obrigados a conviver e compartilhar um do outro, de se lembrar de que estavam juntos. A individualidade do apartamento corrompia um pouco a convivência. Mesmo que se dessem bem, o cansaço do trânsito ou o sono sempre dificultava uma boa mesa, comida e conversa. Salem abriu um sorriso enquanto comia.

A lua caiu até desaparecer do céu, e, já em casa, aproveitaram uma noite revigorada de sono.

No dia seguinte, Salem, como sempre, acordou primeiro. Estava tudo... cotidiano. Tomaram café com a televisão ligada. Chovia do lado de fora, mas... Era realmente chuva. Salem colocou o rosto para fora da janela e tocou as gotas de água. Elas escorriam por seus dedos. Era melhor do que parecia quando era real, tocável.

A televisão falava de notícias ruins, então desligou.

-Finalmente! -Júnior disse. -Não sei pra quê ver notícias chatas sobre coisas chatas, nem podemos resolver nada disso.

-É importante, Júnior. E se lançarem uma nova lei sobre nós? -Questionou Wilson.
-Ter conhecimento é importante.

Júnior resmungou e partiu pro que importava, importunar Salem. Wilson estranhou, mas Salem estava fazendo algo que nunca tinha visto fazer. Estava lendo. Estava na frente da janela com vista para a chuva confortável e aconchegante. Wilson nunca havia visto Salem se dedicar a algo de tempo livre. Sorriu, pois sabia que isso era uma melhora. "É difícil manter essas coisas. Principalmente após começar a trabalhar, resolver problemas cinzas, a vida faz de tudo para te tirar essas coisas."

Limpou os olhos, era lindo. Via Salem e Júnior se importunando frente a chuva. Depois que pararam, Wilson decidiu incentivar, fazia isso sempre que Salem tentava (geralmente falhando) em começar algo novo. Ele sabia o quão difícil era para Salem começar algo "sem propósito", como dizia, então sempre começava a fazer junto também. Por isso, pegou nas mãos um livro para ele e um para Júnior e começou a ler.

-Imagina ler isso com um passarinho cantando no fundo! -Disse Salem, tinha empolgação na voz. Algo que dava expectativa para Wilson. Wilson sempre tentava cumprir essas expectativas de Salem o mais rápido possível. Não por mimar, mas ele se sentia pagando uma dívida ao fazer isso.

"A melhor parte," Wilson pensou. "É que temos meses disso. E quando isso acabar..." Olhou para a chuva aconchegante. E pensou no rio. "Vamos pescar de novo."

Cinza.

Ricardo estava ajeitando sua gravata marrom, abraçada por um terno branco que Vanessa ajeitava com a ponta dos dedos.

Ele respirava pesado.

Decidiu fumar um charuto.

— Vai dar tudo certo — dizia Vanessa, como um robô, olhando para um ponto fixo na sala.

— Eu sei que vai. Só está calor nesta sala de merda. Já falou pro seu pai trocar o ar-condicionado?

— Ainda não...

— Pois o que você está esperando? Eu te disse pra começar a tomar responsabilidade com essas coisas...

Foi interrompido pela porta abrindo.

— Ricardo. Você queria falar comigo?

A voz rouca, estralada, baixa e fraca de um homem velho.

Rugas. Cabelo branco e quase inexistente.

Pertenciam a Josael, próximo dos sessenta e dois anos.

As marcas da velhice o haviam alcançado — e não eram ocultadas nem pelo terno elegante nem pelos muitos procedimentos estéticos.

Entrou acompanhado de dois guardas jovens.

Um deles era Pedrinho.

— Sim, Josael. É sobre o dinheiro.

Assim que ele disse isso, Vanessa saiu do lugar e conduziu os guardas para fora junto consigo. Fechou a porta.

— Estão começando a duvidar de você... carros novos, mansão nova, festa... e salários menores? — disse Josael, intercalando a fala com tosses.

— O governo sempre quer uma parte de tudo. É o lema deles. Não posso pagar muito sem que percebam. Nossos ajudantes também já movimentam quantia demais.

Ricardo respirou.

— Por isso eu e Vanessa...

Ele esperou alguma reação no rosto do velho.

— Vamos abrir um teatro amanhã.

— O quê?! — Josael levantou da mesa. — Você é um homem tolo, Ricardo. Não aprendeu nada desde aquele dia?!

— Ainda não entendo o que você tanto vê de problema nisso, Josael. Isso vai ajudar todo mundo. Inclusive sua filha.

— Ela pode pensar que isso ajuda, mas não devia dar ouvidos ao que ela diz! Ela não é racional como nós! Quando menos perceber, vai estar com um “pra-nada” ao seu lado.

— Como exatamente isso muda quem eu sou, Josael? Isso vai permitir que crescamos. O ácido, o pó... tudo vai render mais!

Apesar da euforia, havia pouca esperança de convencimento em sua voz.

— Sabe, na minha época... você dominava os porcos da polícia com a lavagem certa. Usava o filho viciado do vereador para ameaçá-lo. Você não se juntava e lambia botas pra conseguir dinheiro!

Josael colocou a mão no coração.

— Minha filha merece mais do que isso.

Ricardo respirou fundo.

Um silêncio comeu a sala de dentro para fora.

— Eu não acho que o senhor ainda tenha capacidade de...

Ele levava a mão para trás do torso.

Mas foi interrompido.

— O que é isso?!

Alguém gritou em meio ao tumulto que se formava do lado de fora.

Sons de tiros. Explosões. Gritos.

— Vanessa! — gritou Josael.

Ricardo apenas correu rumo à porta.

Ao sair, deparou-se com a cena.

As portas da frente da mansão haviam sido explodidas pelo impacto súbito de um quatro por quatro que invadiu a residência atirando.

Dezenas de guardas que disparavam de volta já tinham sido baleados.

Incontáveis meliantes invadiam e se espalhavam, matando por toda parte.

Enquanto isso, o aparentemente principal desceu do veículo disparando e fatiando com uma baioneta de lâmina exagerada.

Josael saiu da sala em passos curtos.

Então notou o colar de ouro em formato de urso no peito do invasor.

— Não! Os homens do Urso! Fogo!

E um tiroteio generalizado começou.

Ricardo conseguiu se esgueirar até Vanessa e prendê-la no quarto, trancando a porta.

Mas, após fazer isso, foi baleado em cheio na cabeça pelo homem da baioneta, que se aproximou para chutar seu corpo.

Enquanto fazia isso, o cadáver de cabeça estourada segurou sua perna e o arremessou para longe com força sobre-humana.

Assustado, atirou ainda mais.

Ineficaz.

Ricardo se regenerou.

Com a força súbita que recebeu, desarmou prontamente o homem.

— Essa merda já me custou umas oito vidas... — disse ele, deixando uma fumaça vermelha sair de seu corpo enquanto se regenerava. — E você vai pagar cada uma.

— Seu tempo acabou, Ricardo. Temos planos melhores para o futuro da empresa.

— Ele nunca acaba. Vocês do Urso nunca entenderam nada. Recebem um ataque e já querem tomar tudo? Não conseguiram proteger o seu chefe e querem se tornar ele? Não é assim que funciona — disse Ricardo, engajando em combate corpo a corpo com o homem.

Velocidade absurda.

Um soco o atinge. Sangue é cuspidido.

O homem sacou uma faca e, com ela no estômago de Ricardo, empurrou-o em direção a uma das portas, esmagando-o contra ela enquanto girava a lâmina.

— Sempre tem um ou dois na manga, né? Quem eu tô matando agora?

— Pessoas melhores do que você, o que é uma pena. Agora sou forçado a dividir meu espaço com parasitas como tu — disse Ricardo, segurando o rosto do homem para esmagá-lo.

Conseguiria.

Mas dos capangas recebeu incontáveis tiros laterais.

Caiu na sala atrás.

Incontáveis caldeirões de ácido e “trabalhadores” apavorados.

Terrivelmente ferido, o homem surrava Ricardo.

Caído no chão e ferido por ainda estar vivo, ele não conseguia responder.

— Sua dádiva é um lixo! Eu descobri a falha! — gritava o homem, espancando-o no rosto.

No quarto inutilizado ao lado, Vanessa, assustada, ouvia de relance o que acontecia na sala em que estavam. Difícil distinguir graças ao som dos tiros.

Sua mente relutava.

Sentia-se culpada.

Lutava contra o sentimento que crescia dentro dela.

Sabia que era errado.

Mas não conseguia evitar.

A euforia cresceu em sua mente.

Sua marca brilhou abaixo do seio.

O homem que espancava Ricardo começou a se contorcer.

Ricardo percebeu o ocorrido e automaticamente assimilou.

Faca na garganta.

Ricardo se suicidou com a faca do homem enquanto ele convulsionava.

A morte regenerou todas as suas feridas.

A dádiva cessou.

O homem retomou o controle.

Tarde demais.

Ricardo viu alguns dos trabalhadores de pingente caindo ao chão, sem forças, ofegantes e suando.

Ele sabia o porquê.

Usou deles a força para acertar no homem um gancho tão forte que o teto foi o primeiro a tocar sua cabeça arrancada.

“Eu sou o homem mais forte deste mundo.”

Correu para ver o que se passava na sala ao lado.

Josael tinha cuidado do problema.

Os capangas remanescentes tentavam disparar contra ele.

Não conseguiam.

— O que foi?! Não querem matar o velhote aqui?! — dizia ele, exibindo o brilho de sua marca, que era a causa de nenhum homem conseguir apertar o gatilho.

Um deles tentou correr.

Tropeçou e caiu.

— Também não querem correr?!

Ele dizia isso ironicamente.

Esses eram os motivos de suas risadas histéricas, interrompidas apenas por sua tosse.

— Já chega.

Ricardo sacou uma arma caída no chão e disparou contra todos os capangas restantes.

— Você realmente não sabe fazer as coisas do jeito certo. Não quis impor respeito por tempo suficiente.

Ricardo coçou o rosto.

Cerrou as mãos.

— Eu acho que já basta, Josael.

Vanessa abriu a porta do quarto, auxiliada por Pedrinho.

— Vocês dois!

— Calada, Vanessa! — ambos gritaram ao mesmo tempo.

— Isso é assunto para homens — disse Josael. — Você não vai abrir esse teatro.

Ele tirou de dentro de um dos cadáveres uma faca.

— Este é o único jeito que você conhece de se comunicar, não é? Ah, eu vou. Eu vou, e vou o quanto antes.

Os capangas encaravam incrédulos.

Era algo novo.

Ricardo engoliu seco.

Respirou fundo.

Olhou para Vanessa, que chorava de desespero, agarrada e impedida por vários capangas.

Partiu para cima.

Um golpe atrás do outro, Ricardo tentava acertar Josael fatalmente.

Estava farto.

Anos de contrariedade.

Anos de freio.

Anos de impedimento.

— Você só não quer que eu te supere, não é? Seu velho nojento!

Josael esquivava-se.

Não por agilidade — impossível com o estado de seu corpo —, mas por retirar, por alguns instantes, a vontade de Ricardo de acertá-lo.

Cada golpe passava por um triz.

Cada um fazia ressoar um pranto de Vanessa, que não sabia por quem — ou por quê — estava chorando.

Às vezes Josael contra-atacava.

E em uma delas teve sucesso.

Acertou Ricardo na garganta, matando-o em pouco tempo.

Não foi suficiente.

Ele voltou à vida e quase o atingiu no peito.

— Todos! Tirem agora os pingentes! Isso é uma ordem! — gritou Josael.

Alguns capangas começaram a tirar.

Outros duidavam.

Outros hesitavam.

— Podem tirar. Mesmo que todos aqui tirem, os de fora não o ouvem. Veja bem, Josael: eu não morro nem mesmo se eu quiser morrer.

As emoções de Vanessa a floravam.

Seu instinto era obedecer ao pai. Caso contrário, poderia sofrer consequências.

A marca brilhou.

Os homens começaram a tirar os pingentes, dentro e fora da mansão.

Mas ela também lutava contra o instinto de proteger o rato do seu marido.

E impediu a dádiva de seu pai de paralisá-lo.

— Vocês têm que parar agora!

A marca paralisou os dois homens, obrigando-os a interromper o conflito.

— Vanessa, minha filha, me escute! Eu cometi um erro em te casar com este covarde. Você merece um homem de verdade! Vamos mudar isso! — disse Josael, olhando para a filha com apelo nos olhos e mãos juntas.

— Meu amor, você sabe bem que o nosso futuro juntos é brilhante. Tínhamos apenas uma pedra impedindo nosso crescimento, mas agora o poder é todo seu para mudar isso. Vamos finalmente...

Vanessa parou de ouvir.

Apesar das incontáveis mentiras ditas por ambos os ratos.

Ele continuou falando.

Mas nada mais ela escutou.

Raiva e revolta tomaram seu corpo — suas últimas emoções verdadeiras.

Todos os abusos.

Todos os anos calada.

Todo o tempo vivendo no mesmo esgoto junto daquele rato.

Estava finalmente livre.

Finalmente podia tentar mudar os últimos treze anos mais sujos de sua vida.

Josael sentiu o controle de seu corpo ceder.

Antes mesmo de formar um sorriso e cumprir o veredito, gritou:

— Idiotas! Não!

Colocou as mãos diante do peito enquanto gritava em desespero.

Não foi suficiente.

O sangue de sua cabeça despedaçada manchou o chão após as balas o atingirem.

Vanessa olhou despedaçada, com lágrimas nos olhos e incapaz de limpá-las com mãos trêmulas.

Olhou para os soldados de Josael que causaram o fim dele.

Seu coração tremeu quando Ricardo disse:

— Que bom que alguém aqui toma alguma decisão sensata.

Ele passou por cima do obstáculo, pisando na cabeça de Josael enquanto seguia em direção aos homens.

— Hoje começa uma nova era em nossas indústrias. Esqueçam os anos de pagamentos curtos e desaforo. Comigo no comando, nenhuma barriga vai ficar vazia.

Ele ordenou que os homens limpassem a bagunça.

Satisfeitos com a imaginação do ouro futuro, obedeceram.

Ricardo aproximou-se de Vanessa e cochichou em seu ouvido:

— Eu espero que esse tenha sido exatamente o cenário que você imaginou fazer. Mas você sabe o que acontece quando hesita em me obedecer.

Mandou-a para o quarto.

Sem brilho algum nos olhos, ela obedeceu, já sabendo exatamente o que aquilo significava.

O alvo de sua raiva era cada parede que a aprisionava. Cada vestido que a ocultava. Cada arranjo bordado e aconchegante daquela prisão sangrenta que ela chamava de cama.

Nada disso teve utilidade. Para borrar as lágrimas e olheiras, encharcou-se de maquiagem.

Para cada mancha roxa na pele, um vestido diferente.

Estava pronta.

Assim que o grande dia chegou.

Três meses depois.

Ainda mais afiados tornaram-se os negócios, como nunca antes haviam sido. Incontáveis vendas e comércios entraram na onda esmagadora de lavar dinheiro com as biqueiras do “Homem de Ouro dos Negócios”.

Os homens que estavam insatisfeitos com os baixos pagamentos agora esbanjavam carros importados e casas de luxo.

E não tinham visto nada ainda.

Já que, com a inauguração do grande teatro, muito mais teriam.

Vanessa se preparava para a inauguração à qual tinha que ir — para ser o troféu do rato.

Passou as toneladas de pó que ele sempre ordenava que passasse.

Experimentou todos os vestidos mais caros e escandalosos.

Cada um dos serviçais nojentos de Ricardo mandava que trocasse um por um, para que pudessem ter um maior deslumbre de sua silhueta.

As olheiras em seus olhos esboçavam um semblante vazio, que não mais buscava melhora ou mudança.

Lembrou-se da vez em que, logo após o dia em que seu pai morreu, sacou um estilete para afugentar-se da punição de Ricardo do jeito mais fácil.

Mas nada disso teve qualquer utilidade.

Contentou-se em ser um fantoche.

Uma caixa de pele que nada contém.

Movida e pisoteada de lá para cá.

Chegado o momento, subiu à fachada, formando na foto o que diziam ser o “casal da cidade”.

Sorriu para todas as fotos.

Acenou.

Conversou com cada grande homem de negócios e suas mulheres de estimação.

Mas nenhuma dessas cerimônias se equiparava à que ela deveria fazer ao ver Henrique Meirelles, o homem dos contatos.

Não podia deixar de desejar o próprio fim ao imaginar quantos sorrisos falsos deveria formar ao vê-lo.

Mas ficou aliviada quando percebeu que apenas seus filhos — o mais velho e o mais novo — haviam chegado como representantes do pai.

O Mundo de Carne, Capítulo 8

Entenda, Homem de Carne: tudo o que o homem faz é subjugar seu semelhante à própria vontade, fazendo-o tornar-se carne ao sangue.

Oitavo mandamento do assassino: nunca se torne seu inimigo.

— Vocês me escutam? — disse Wilson para o filho mais velho, através do som de uma escuta que transmitia da casa de seus informantes.

— Sim, senhor Wilson — disse o filho mais velho.

Estava com roupas finas, de altíssima qualidade, como um verdadeiro homem de negócios. Gel no cabelo, terno e gravata. Estava ali para representar seu pai, afinal de contas.

Ao seu lado, seu irmão mais novo respondia à escuta da mesma forma.

— Tarefa simples... — Wilson parou antes de completar a frase. O som interferido e de má qualidade da escuta não captava com clareza o interrogatório e as ameaças que ele fazia ao homem na própria casa antes de prosseguir com certeza. — Ricardo vai esperar por vocês para passarem o recado para seus “pais” na sala de negócios, como nas direções que nosso hóspede deu. Não demorem para ir lá e emboscá-lo, pois, caso o façam, ele virá procurá-los e então perdemos a chance.

— Entendido — disse Júnior apenas.

Salem seguiu reto rumo ao encontro de Vanessa. Olhar vazio. Enraivecido.

Era hora de tirar conclusões.

Enquanto Júnior caminhava seguindo as instruções de Wilson, Salem avançava em direção a Vanessa com olhar decidido.

Júnior tentou chamá-lo de volta.

Mas a multidão ao redor certamente notaria a cena e acabou separando os dois.

— Salem, não! Depois resolveremos isso! — dizia Wilson.

Sem efeito.

Enquanto Salem caminhava, a música começou.

Os falsos casais levantaram-se para dançar, comemorando o grande dia.

Sozinha à mesa, Vanessa teve sua primeira emoção positiva em anos quando foi chamada para dançar pelo filho mais velho.

— Concede-me uma dança?

“Não pode ser tão ruim”, pensou Vanessa, passando a mão em antigas feridas.

Ponderou.

Repensou.

Então aceitou.

Júnior começou a seguir as instruções de Wilson.

Encontrarei Salem lá.

Enquanto isso, Vanessa levantou-se, e os dois tornaram-se o holofote da noite.

Algo naquela situação despertou nela um olhar há anos perdido.

Um sentimento alarmante e fumegante surgia do interior do peito e crescia para fora em suor e euforia.

A sala parecia pegar fogo.

Todos queimavam.

Exceto os dois.

O sapato de Salem pisa no sapato dela.

Salem começa a perder do rosto o semblante sério e enraivecido, como se fugisse dali por instantes e olhasse para sua própria sombra chamuscada.

A chuva tomava as janelas na tentativa de apagar da sala o fogo.

Uma tempestade que, por um breve momento, eles foram capazes de ignorar.

Eram apenas os dois.

A marca de Vanessa começou a emitir forte brilho enquanto ela tentava disfarçar as lágrimas que caíam de seu rosto.

Salem notou.

Mas foi discreto.

— Muito tempo sem dançar?

— Não... é que...

Conforme o sentimento subia do peito à garganta, a marca brilhava ainda mais.

Quase impossível de esconder.

Salem percebeu.

Viu um brilho equivalente ao seu.

Uma chuva igualmente pesada.

E começou a segurar o choro também.

— Eu acho que... algumas danças só podem ser dançadas uma vez. Não é?

O brilho da marca de Vanessa começou a afetar sutilmente todos no salão.

Taças caíam.

Movimentos errados.

Lágrimas.

Gemidos de dor.

Todo tipo de controle desordenado tomava os dançarinos.

Com exceção de Salem.

Todos queimavam.

— Já olhou para alguém e pensou que... não parece mais a mesma pessoa? — lutou para dizer. — Algumas coisas nunca voltam a ser as mesmas...

— E nunca vão voltar. Não é?

— Não... agora os negócios não vão mais ser pequenos como antes — disse Vanessa, retomando o tom de fantoche.

Confusa com o que dizia — ou para quem dizia — tentou escapar.

— Ah, sim. Nada nunca volta a como era antes.

Os dançarinos começaram a se esfaquear.

Fúria.

Tristeza.

Dor.

Agonia e angústia os tomaram subitamente.

Maridos matavam suas mulheres.

A orquestra assassinava-se entre si.

Taças e mesas tornaram-se armas.

Todos se tornaram animais irracionais e bestiais, esquecendo-se de quem eram e lembrando-se apenas da violência.

— É uma pena que você também não, Vanessa.

— O quê?

Vanessa percebeu o que aquela fala antecedia.

— Ah... sim. Me desculpe, Salem. Talvez em outra vida.

Mas não nesta.

Sua cabeça rolou no chão, separada do corpo.

Salem despencou em choro e largou a faca que criara da própria lágrima.

— Não foi culpa sua, Salem. Eu sinto muito — disse Wilson pela escuta, percebendo que talvez pudesse ser útil novamente.

Salem profanou mil nomes e mil maldições rumo à cabeça de Ricardo.

A chuva alcançou e apagou da sala toda chama e todo calor.

Muito antes disso, Júnior entrava no corredor, caminhando normalmente entre guardas e outros senhores de negócios.

Foi apenas quando a balbúrdia dos dançarinos começou que guardas correram para lá.

Júnior fingiu correr em desespero corredor adentro.

Wilson informou sua localização.

Júnior entrou.

Era hora de tirar suas próprias conclusões.

Cara a cara.

A porta cedeu à sua vontade de apaziguar.

Seu olho vislumbrou a sala ampla.

Lotada de poços d'água.

No meio de tudo, um homem de pé destacava-se.

Ricardo.

— Nisso eu não caio. O que foi agora, moleque? — disse Ricardo.

Terno e gravata.

Relógio de ouro.

Joias puras nos pulsos e no pescoço.

— Pai... precisamos conversar — disse Júnior, punhos fechados.

— Não há muito a ser dito.

Ricardo demorou alguns momentos.

Algo aproveitava.

— Tive e abracei uma oportunidade.

Livrou-se da dama que o agradava com a boca.

Júnior fingia não ver.

Contendo o nojo.

— Eu preciso que você leve isso a sério, pai. Salem precisa de ajuda.

— Ora, mas estou levando isso muito a sério.

Ricardo suspirou.

— Tivemos nossa famíliazinha. Fingimos estar satisfeitos com nossas vidas. Nos afogamos no fato de que não estávamos... e decidimos o que deveríamos.

Ele sorriu.

— Qualquer um de vocês teria me sacrificado se isso significasse viver a vida que hoje vivo. E, olha... pensando bem, não tiraria a razão de vocês.

Júnior olhou incrédulo.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ser um homem é isso, meu filho — continuou Ricardo. — Fazer o que precisa, em vez do que é esperado.

— Fala sério... CARAMBA!

Júnior tentou xingar com força.

Mas apenas expôs a dor de treze anos de dúvida e ressentimento.

— Você nem parece gente falando isso! Você casou com a nossa mãe! Você teve a gente! Cuidou da gente antes de se envolver com drogas! Nós somos seus filhos! Teríamos te ajudado!

Ricardo o encarava com indiferença.

— A gente era só o melhor que você tinha... não é?

— Sim. Na verdade, eram.

Cansado da conversa, Ricardo avançou.

O vento uivou quando ele partiu em direção ao pescoço de Júnior.

Júnior ainda chorava.

Jogou-se ao chão e evitou a morte por pouco.

Ricardo continuou atacando.

Mas Júnior começou a defender os golpes com as palmas das mãos, nas quais segurava papéis que produziam um som metálico ao impacto.

— Você amou a minha mãe! Você amou a mim e a Salem! Eu sei que sim!

Outro golpe quase o atingiu.

— A verdade já foi dita, garoto — respondeu Ricardo. — Eram o melhor que eu poderia ter. **Eram.**

Ele acertou o estômago de Júnior.

Mas machucou o próprio punho ao ouvir o som metálico.

A tristeza de Júnior virou raiva.

Seu pai não podia ser mudado.

Ele arremessou um papel.

Ao tocar Ricardo, o papel esquentou e começou a derreter a pele de seu braço.

Isso se repetia a cada ataque bloqueado.

Até mesmo a pistola que Ricardo sacou foi derretida por outro papel.

Júnior gritava entre choro, ira e confusão.

Segurava relutante um último papel.

Se arremessado, incapacitaria o homem até Salem e Wilson chegarem.

Ricardo mordeu a própria língua com força sobre-humana.

O sangramento o matou em segundos.

E então retornou.

Sem qualquer ferimento.

Investiu novamente contra Júnior.

O golpe atingiu a lateral de sua cabeça.

Sangue jorrou.

Não morreu apenas porque conseguiu esquivar-se parcialmente.

Ricardo revelou então uma força que antes não possuía.

Poder físico além do humano.

Proveniente não dele.

Mas de suas **conquistas**.

Júnior preparava outro papel.

Quando o som de uma arma o paralisou.

— Não... se mexe... — disse Pedrinho, mirando a cabeça de Júnior.

Mirava pensando na mãe.

E por ela — e apenas por ela — talvez disparasse.

Pedrinho começou a avançar para render Júnior e retirar dele os papéis.

Ricardo sorria.

Se tivesse forças, choraria de rir.

Da expressão de pasmo de Júnior.

De quão indefeso ele estava.

De quão fraco era.

— Espere, garoto. Este homem não é quem você...

— **Atire agora, garoto!** — ordenou Ricardo.

E foi obedecido.

Pedrinho obedece, mas, desesperado e incapaz, atira na perna de Júnior, incapacitando-o e derrubando-o no chão.

Júnior cai cedendo a uma dor penetrante, agonizante e sem fim, que o deixa ofegante e gritando por sua vida.

— Não! Seu idiota! Na cabeça! — ordenou Ricardo.

O garoto olha para Ricardo e imagina o que poderia acontecer consigo mesmo.

Então cai inconsciente.

Não foi à toa.

Derrubado pelo Assassino da Carne.

Salem e Wilson entram na sala.

Ódio.

Repulsa.

Nojo.

Treze anos de dor.

— PAI! — Salem grita por impulso e investe contra o homem.

Enquanto Wilson remediava as feridas de Júnior, Salem despejava na tigela de carne toda a água da chuva.

Trocaram golpes intermináveis.

Ricardo foi obrigado a usar muito mais do poder que extraía de seus subordinados.

A cada empurrão de Salem, Ricardo retribuía vinte.

Salem sacou, do sangue das feridas formadas, lâminas e projéteis que usou para atingir Ricardo.

Mas matá-lo agora era muito mais desafiador.

Ricardo nutria uma velocidade e tenacidade que antes não tinha.

Os cortes de Salem já não abriam espaço suficiente para novos ataques.

Sempre era necessário sacrificar algo para atingi-lo.

Era insustentável.

Salem tinha cortes limpos no pescoço e na cabeça do homem.

Mas de que adiantava?

Sua hesitação começou a crescer quando Ricardo passou a lutar perto de Júnior e Wilson.

Ele tentava direcionar os ataques descuidados e enraivecidos de Salem contra eles.

Wilson salvou o inconsciente Júnior de incontáveis dessas tentativas.

E quando tinha chance de revidar, interrompia-se quando o rato tentava usar Salem contra ele.

Hesitação foi derrota.

Ricardo empalou o ombro de Salem com um movimento abrupto da mão.

Incapaz de reagir, Salem recebeu incontáveis outros ataques que o incapacitaram.

Wilson gritou em impotência.

— Você deveria ter entendido há muito tempo como homens fazem negócios, Salem. Permita-me mostrar.

Ricardo arremessou Salem rumo aos poços d'água, onde se afogaria.

Wilson avançou para salvá-lo.

Mas Ricardo o interceptou.

— Quem você pensa que é, homem? O pai de Salem?

Um golpe arrancou sangue da boca de Wilson.

— É... eu sou um homem. Um homem de verdade.

Ricardo franziu o rosto em confusão.

Wilson percebeu.

— Isso já é resposta suficiente. Eu faço o que preciso, não o que quero. Minha carne é só carne.

A luta começou.

Wilson conseguia esquivar-se das tentativas letais do rato.

Mas seus golpes físicos pareciam não surtir efeito.

E ele não conseguia distância para disparar sem se afastar de Júnior.

Ricardo usava isso a seu favor.

Mantinha-se perto, impedindo Wilson de resgatar Salem e Júnior ao mesmo tempo.

A posição era impenetrável.

Arriscar um ataque seria apostar três vidas em um cassino.

Wilson pegou papéis de Júnior e tentou usá-los para queimar Ricardo e abrir uma brecha.

Impossível.

Ricardo esticou o braço e ativou o alarme de incêndio.

A chuva o salvou.

Aproveitou a brecha e o chão escorregadio para arrancar um dente de Wilson e escurecer sua visão com um único ataque.

— Tenho conceitos sobre o que é um homem de verdade. Isto certamente não é um deles.

Chutou Wilson caído para que olhasse para o teto.

— Você herda do sofrimento dádivas como a minha. Mas não é homem o suficiente para elas. Não tem poder.

— Para tê-lo, eu teria que ser como você. Me tornar um rato... ou talvez um porco.

Wilson tentou se levantar.

Foi chutado de volta ao chão.

— É por isso que tenho o **plateau** aqui. Eu faço tudo o que quero.

Wilson derramou uma lágrima ao entender o que aquilo significava.

Ricardo aproximou-se de Júnior caído.

Ao mesmo tempo em que atacava o pescoço dele, Wilson disparou o revólver, arrancando sangue de Ricardo e interrompendo o golpe antes que fosse fatal.

Por enquanto.

Sangue caiu.

De pai e filho.

Grunhindo de dor, Ricardo golpeou o revólver de Wilson antes que outro disparo fosse feito.

Wilson percebeu então que havia perdido muito mais do que sua arma.

Seu braço estava decepado no chão.

— Você quis ser homem como eu. Mas não teve as bolas para me matar quando a hora chegou. Nem sempre fazemos o que precisamos, não é?

Entre gritos de dor e consciência falhando, Wilson respondeu sorrindo:

— Não. Mas preparei alguém que **sempre faz**.

O **Ser de Sangue** emerge.

Seu sofrimento mantém seu corpo ensanguentado e miserável de pé.

— **RICARDO!**

— Ora... se não é...

A frase terminou em um grito de dor.

Punho no rosto.

Sangue no chão.

— Seu rato miserável!

Uma série de facadas e lâminas, sacadas em perfeita sincronia, começou a fatiar Ricardo como carne bovina.

Nem mesmo sua força amplificada era superior ao que o sangue havia feito com Salem.

Não era mais necessária uma abertura.

Salem golpeava com ou sem brecha.

Arrancava sangue.

Arrancava dor real.

— Você sabe... sabe que não pode me matar! Eu só morro se desejar morrer! — gritou Ricardo.

Salem se lançou em seu pescoço, tentando perfurá-lo contra toda resistência.

— Treze anos... Treze anos!

— Não foram nada! Você continua mimad—

Ricardo foi interrompido ao cuspir sangue.

Na disputa de força, Salem cortou e arrancou a mão de Ricardo.

Ricardo respondeu arrancando pele e dentes da bochecha de Salem.

Salem cortou o cotovelo do pai e arrancou seu braço.

Ricardo respondeu arrancando a perna de Salem com um único golpe.

Sangue jorrava e se misturava com chuva.

Salem chorava no meio da balbúrdia enquanto lutava para derrubar o miserável de seu pai.

— Você está acabando consigo mesmo! Mas não pode acabar comigo! Eu morro uma vez e alguém me traz de volta!

Salem, com os olhos cheios de fúria e lágrimas, derrubou Ricardo no poço d'água.

Ambos começaram a se afogar.

Lutavam submersos.

Ricardo emergiu primeiro, puxando ar.

Salem cortou sua coxa e o puxou novamente para baixo.

Ricardo arrancou seu pé.

Enfiou um dedo em seu olho.

Arrastou-o novamente para o fundo.

Salem pensou.

Pensou na superfície.

Pensou no que poderia viver se o obstáculo de carne à sua frente desaparecesse.

Então decidiu.

Mesmo com força sobre-humana, o sacrifício era o combustível de seu inimigo.

Salem sacrificou a integridade de ambos os braços para enforcar o rato debaixo d'água.

Ricardo roeu seus braços até restarem apenas ossos e sangue.

Mas, quando a chuva cessou e o rio se acalmou, Salem viu.

Finalmente viu.

O sangue de Ricardo escorrer.

Ele riu.

Gargalhou.

Engoliu litros de água apenas para continuar rindo.

Queria garantir que jamais esqueceria o olhar morto de seu pai.

Ricardo continuava ressuscitando.

Mas continuava morrendo afogado.

Salem o mantinha submerso, rindo como um louco enquanto ele se debatia por oxigênio.

Ricardo formou com a boca as palavras:

“Me ajude.”

Salem respondeu rindo.

Mesmo que para rir precisasse deixar a água entrar em seus pulmões.

Sua fome crescia.

Então se lembrou.

Ouviu alguém engasgar com água.

Mas não era Ricardo.

Era a criança, Pedrinho.

Seus dentes começaram a doer.

A euforia de treze anos transformou-se em angústia.

Ricardo ressuscitou novamente e olhou para Salem como um igual.

Começou a rir.

Pois sabia.

Seu assassino jamais viveria novamente.

Eternamente assombrado.

Salem desceu novamente.

Espancou o rato com cabeça, dentes e pés.

Dezenas de mortes.

Mas outros pagavam o preço.

Homens.

Mulheres.

Uma criança.

Uma mãe paralisada.

Não havia mais o que fazer.

— Me desculpe, pai. Me desculpe, irmão. Eu jamais viverei novamente.

Salem chorou.

— Eu sou o ser mais egoísta deste mundo.

Ricardo afogou-se e morreu pela última vez.

Com o sorriso que havia rido de Salem.

Salem morreu logo depois.

Afogado ao seu lado.

O Mundo de Carne.

O Homem de Carne ou de Sangue jamais entenderá qual é o limite que permite que lave suas mãos e se pronuncie portador do direito de viver sem mágoas.

Seja de carne ou de espírito, nenhum homem tem o direito de morrer satisfeito.

O Mundo de Carne

Wilson, na prisão e aleijado, chorou e se arrependeu por décadas do destino que impôs a Salem.

Condenou-se eternamente por acreditar estar fazendo a coisa certa enquanto guiava alguém merecedor de felicidade para a morte.

Júnior nunca foi tão impotente.

Pois agora sua hesitação tornou-se eterna em consequências e ressentimentos.

Eles não ganharam nada.